

CORPO OÁSIS

A TRAJETÓRIA DO CORPO URGENTE NA UNIVERSIDADE

WALL ASSIS

Foz do Iguaçu
2021

**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ARTE,
CULTURA E HISTÓRIA (ILAACH)**

LETRAS – ARTES E MEDIAÇÃO CULTURAL

CORPO OÁSIS

A TRAJETÓRIA DO CORPO URGENTE NA UNIVERSIDADE

WALL ASSIS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito à obtenção do título de Bacharel em Letras – Artes e Mediação Cultural.

Orientadora: Prof^ª. Dra.Diana Araujo Pereira

Foz do Iguaçu
2021

WALL ASSIS

CORPO OÁSIS

A TRAJETÓRIA DO CORPO URGENTE NA UNIVERSIDADE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito à obtenção do título de Bacharel em Letras – Artes e Mediação Cultural.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Prof^{fa}. Dra. Diana Araujo Pereira
UNILA

Prof^{fa}. Dra. Cristiane Checchia
UNILA

Prof^{fa}. Dra. Gabriela Canale Miola
UNILA

Prof^{fa}. Dra. Giane da Silva Mariano Lessa
UNILA

Foz do Iguaçu, _____ de _____ de _____

TERMO DE SUBMISSÃO DE TRABALHOS ACADÊMICOS

Nome completo do autor(a): _____

Curso: _____

	Tipo de Documento
(.....) graduação	(.....) artigo
(.....) especialização	(.....) trabalho de conclusão de curso
(.....) mestrado	(.....) monografia
(.....) doutorado	(.....) dissertação
	(.....) tese
	(.....) CD/DVD – obras audiovisuais
	(.....)

Título do trabalho acadêmico: _____

Nome do orientador(a): _____

Data da Defesa: ____/____/____

Licença não-exclusiva de Distribuição

O referido autor(a):

a) Declara que o documento entregue é seu trabalho original, e que o detém o direito de conceder os direitos contidos nesta licença. Declara também que a entrega do documento não infringe, tanto quanto lhe é possível saber, os direitos de qualquer outra pessoa ou entidade.

b) Se o documento entregue contém material do qual não detém os direitos de autor, declara que obteve autorização do detentor dos direitos de autor para conceder à UNILA – Universidade Federal da Integração Latino-Americana os direitos requeridos por esta licença, e que esse material cujos direitos são de terceiros está claramente identificado e reconhecido no texto ou conteúdo do documento entregue.

Se o documento entregue é baseado em trabalho financiado ou apoiado por outra instituição que não a Universidade Federal da Integração Latino-Americana, declara que cumpriu quaisquer obrigações exigidas pelo respectivo contrato ou acordo.

Na qualidade de titular dos direitos do conteúdo supracitado, o autor autoriza a Biblioteca Latino-Americana – BIUNILA a disponibilizar a obra, gratuitamente e de acordo com a licença pública *Creative Commons Licença 3.0 Unported*.

Foz do Iguaçu, ____ de _____ de _____.

Assinatura do Responsável

Dedico este trabalho a Soka Gakkai
Internacional, aos senhores
Tsunessaburo Makiguchi, Josei Toda e
Daisaku Ikeda.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a mim, pois aprendi a valorizar meu esforço, construir auto-estima, perdoar abraçar e me amar em primeiro lugar. Agradeço à organização Soka Gakkai Internacional e meus mestres de vida, os senhores Tsunessaburo Makiguchi, Josei Toda e Daisaku Ikeda por sua dedicação abnegada em propagar a Lei Mística. Agradeço à minha família, pelos valores cultivados em minha personalidade, tais como educação, respeito e humildade.

Agradeço à minha orientadora Diana Araujo Pereira por sua paciência, persistência e genialidade. Agradeço a todos os professores que fizeram parte de minha formação intelectual, desde os primeiros anos de escola até a universidade. Aos professores do curso de LAMC que valorizo carinhosamente, em especial Cristiane Checchia, Gabriela Canale Miola e Giane da Silva Mariano Lessa, e as mulheres potentes da UNILA. À todxs amigxs que conheci na cidade de Foz do Iguaçu, que sempre me incentivaram a acreditar em meu potencial. Aos companheiros da Brasil Soka Gakkai Internacional e Soka Gakkai Argentina, tanto de São Paulo, Foz do Iguaçu e Mendoza. Em especial Marlete Hirome Nakano que deposita todas suas fichas em mim.

“Seja como for, a grandiosa Revolução Humana de uma única pessoa irá um dia impulsionar a mudança total do destino de um país e, além disso, será capaz de transformar o destino de toda a humanidade!”
(Daisaku Ikeda)

ASSIS, Wall. **CORPO OÁSIS**: A trajetória do corpo urgente na universidade. 2021. 77p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras - Artes e Mediação Cultural) – Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu, 2021.

RESUMO

Este trabalho constitui-se de relato biográfico vinculado à trajetória de um corpo dissidente na Universidade Federal da Integração Latino-Americana, com o objetivo de problematizá-lo e transformá-lo, a partir de um pensamento ensaístico. Baseia-se na prática de performance arte experimentada durante os anos de graduação, descrita na série Corpo Fronteira e recuperada através dos registros das intervenções artísticas. Este ensaio biográfico elabora-se a partir de alguns eixos de caráter teórico e prático: 1. Humanismo Budista, mediante a filosofia de Nichiren Daishonin, junto à organização Soka Gakkai de criação de valores; 2. Performance Arte; 3. Mediação cultural e auto mediação, postos em prática ao longo dos caminhos trilhados por um corpo urgente que se reconhece latino-americano.

Palavras-chave: corpo. budismo. performance arte. mediação cultural. revolução humana.

ASSIS, Wall. **CUERPO OASIS**: La trayectoria del cuerpo urgente en la universidad. 2021. 77p. Trabajo de conclusión de curso (Bachillerato en Letras- Artes y Mediación Cultural) – Universidad Federal de la Integración Latino-Americana, Foz do Iguazú, 2021.

RESUMEN

Ésta escrita es consecuencia del relato biográfico vinculado a la trayectoria de un cuerpo disidente en la Universidad Federal de la Integración Latino-Americana, con el objetivo de problematizar y transformarlo a partir de un pensamiento ensayístico. Está basado en la práctica de performance arte experimentada a lo largo de los años de grado, expuesta en la serie Corpo Fronteira y recuperada a través de los registros de las intervenciones artísticas. Este ensayo fue pensado en ejes de carácter teórico y práctico: 1. Humanismo Budista, desde la filosofía de Nichiren Daishonin, junto a la organización Soka Gakkai de creación de valores; 2. Performance Arte; 3. Mediación cultural y auto mediación de un cuerpo urgente que se reconoce latinoamericano.

Palabras clave: cuerpo. budismo. performance arte. mediación cultural. revolución humana.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. PELOS CAMINHOS DE LAMC	13
2. CORPO URGENTE	20
2.1 URGENTE EM BIOGRAFIA.	21
2.2 URGENTE EM POTENCIAL - HUMANISMO BUDISTA.	24
2.3 URGENTE EM PERFORMANCE ARTE.	28
3. CORPO FRONTEIRA	31
3.1 ÓLEO SOBRE PISO 2017	35
3.2 PAU DE SEBO, 2018	41
3.3 VALHÉBRIA-UNILA 2019	48
3.3.1 VALHÉBRIA EM INMACULADA REPRESIÓN, 2019	54
3.4 SOLEDAD - UNCUIYO prédio de artes e desenho. 2019	57
3.4.1 SOLEDAD - UNCUIYO mostra de arte. 2019	61
3.5 DESATANDO NUDOS, 2020	64
4. CORPO OÁSIS	69
REFERÊNCIAS	73

INTRODUÇÃO

Trago ao plano da expressão o contato com as paisagens da reminiscência em exercício de materializar esta escrita. Pois faz-se necessário a revisão do passado em presente de escrever sobre a trajetória e os caminhos percorridos durante minha graduação. Memória e registro de intervenção artística tomarão espaço nessa trama, o que me leva a atravessar este deserto branco, soprando palavras em vento, esperança de chegar a região fértil.

Não é simples desenhar esse mapa, porque é como ver o passado através de um caleidoscópio de sentimentos ou em uma montanha russa de emoções. É guiar o pensamento sendo escrito, o que leva a diversas estratégias e escolhas. Não menciono a insegurança que acompanha a possibilidade de não ser compreendida, porém, procurarei mediar este texto, pois mediar é lidar com as incertezas presentes nas diferenças que constantemente estão associadas às relações de poder, nas interações entre categorias sociais e níveis culturais distintos. Importante ressaltar que a vida social só existe através da diferença, como citado por Gilberto Velho (2001).

Introduzo sínteses da bibliografia com a qual tive contato. Depois exponho as performances artísticas que realizei ao decorrer dos anos, o que corresponde às idéias e contextos com os quais estive imersa. Desde o antes da universidade, onde a trajetória começa com o anseio de ocupar este espaço até o durante. Não há um depois, o fenômeno desta escrita é o método de registro da memória em vias de relato e um tanto mais. Concluo com um insight que tive quando imaginava essa grande constelação.

Escrevo ensaiando pois é sentindo que vou decifrando, ligando e conectando idéias. Apoiada em palavras de intelectuais que complementam o pensamento. É por meio do ensaio que me dispo à escrita, a este exercício de ir e vir moldando a matéria, porque escrever é uma dádiva, segundo Clarice Lispector. Ainda que este corpo iletrado faça de seu discurso aparato político e institucional.

Liliana Weinberg (2017) traz que nos anos recentes se tornou evidente um forte giro subjetivo e escritural do ensaio, com a incorporação criativa e o cruzamento de fronteiras entre o discurso autobiográfico, a representação da experiência, a exploração da memória, a construção da figura do autor nos limites entre ficção e não ficção...isto é, deve atender tanto à própria configuração textual, a seu dizer, a seu caráter de exemplo de si mesmo, como a seu querer dizer, à sua inscrição no horizonte social do discurso, de modo que é preciso atender não só à organização da trama textual, como também aos diversos âmbitos e séries em que se inscreve seu dizer e que, por sua vez, representam-se no próprio ensaio, dando lugar a um exercício de responsabilidade, de resposta e de representatividade da palavra.

Considero que o ensaio nos envia a um espaço tempo social de encontro entre o público e o íntimo; porém, se ele representa o encontro, ao mesmo tempo o instaura, o postula e o assimila simbolicamente a figuras como as do livro e o diálogo entre amigos. (WEINBERG, 2017, p. 05)

Este relato, por tanto, é conformado por perspectivas advindas da mediação cultural, prática de performance arte e humanismo budista, sobre a trajetória de um corpo marginal, numa instituição de ensino superior, a universidade federal da integração latino-americana.

E de qual espaço de poder este corpo/escrita fala? Faço a mediação de uma existência dissidente em classe, corpo e gênero, numa instituição histórica e majoritariamente letrada, a universidade pública. Pode ser recompensador o fato de estar fechando este ciclo, mas não é nada meritório ter de atravessar incontáveis dificuldades para me graduar. Se o estudo de trajetórias individuais torna-se estratégico para a atividade mediadora (Gilberto Velho 2001), exponho meu corpo como urgente e nele baseio-me para a mediação cultural deste projeto.

Tomo o conceito de “automediação”, de Diana Araujo Pereira, como aporte que guiará a função de mediação desta monografia. Segundo a autora, tal proposta metodológica possibilita a descolonização do conhecimento, a partir da escrita de si que emerge da subjetividade atravessada por distintas alteridades em um território. É prática reflexiva exercida entre a subjetividade da/o pesquisadora/o e a objetividade do seu contexto histórico político e social. Em um processo de dentro para fora e de fora para dentro, é flagrado o corpo em território, base para a

mediação cultural. Seria a escrita possível ponte para sentipensar as fronteiras, sejam elas corporais (pensamento/emoção) ou territoriais. (PEREIRA, 2018. p.44)

Aprendi no curso de Letras - Artes e Mediação Cultural o comprometimento com o pensamento crítico, que por meio de diversos campos de expressão e atuação (partindo da automediação), é capaz de ressignificar as injustiças do passado a partir da compreensão do presente, através dos processo de colonização do continente Latino Americano.

Já na Universidade Federal da Integração Latino-Americana, aprendi em teoria e prática a integrar um espaço ponte-potência para outros universos culturais. Aprendizados, trocas, diálogos e fluxos das culturas, em oportunidade de estudá-las e compreendê-las. A urgência da desconstrução de narrativas engessadas pelos moldes colonizadores que ainda seguem em curso na sociedade. Interseccionalmente pensando nossos corpos que carregam este condicionamento, o combate à matriz colonial do poder através do conhecimento é resistência e empoderamento.

Porque através deste curso coerente com o projeto desta universidade, pude desconstruir o grande mito do descobrimento da América, tão edificado em nosso imaginário a ponto de não nos reconhecermos latino-americanxs e desconhecer sobre o que realmente aconteceu há mais de 500 anos atrás. Desviando a atenção de nossos países vizinhos que compartilham da mesma dor do esvaziamento cultural que nos cobrou a dignidade de vida.

Fenômeno que oculta a compreensão da atual realidade, sustentado ainda nos ideais da igreja, que nos distancia de nossos corpos e prazeres, que nos induz ao conceito de bom e mau, pecado e mártir. Das bases do patriarcado que nos violenta o corpo e o território.

Destruindo, ocultando e por vezes apropriando-se do conhecimento nativo, sua narrativa e cultura, seus costumes e suas histórias, suas vidas e memórias. Sua catequização e expropriação de mão de obra escrava, além de uma dizimação descomunal que ainda segue em curso. É das raízes destas questões, assim como de seu rizoma, que brota o processo performático que será narrado nos capítulos seguintes.

1. PELOS CAMINHOS DE LAMC

Trazer a gama de conhecimentos ofertados por um projeto dinâmico contemporâneo não bastaria para expor o resultado de minha trajetória por este curso. Escrevo, então, alguns fragmentos de memórias, conceitos e autores lidos e estudados ao longo da trajetória, evidenciando alguns aspectos da interdisciplinaridade de LAMC.

A chegada ao “novo mundo” é a história da conquista não pacífica, e sim tingida de sangue, truculenta, assustadora, ocultada pelo mito fundador dos cronistas e narradores pertencentes ao imaginário europeu em uma realidade pulverizada por ideais da cristandade.

Décadas e séculos de mortes e um “paraíso” dissecado, disseminado. Em dia de conversão do “índio” no peito ia o crucifixo do mesmo metal feito espada que a outros corpos atravessou. Evidências dos reais interesses da cultura invasora: o nativo que se converte fiel para a igreja e a terra que se destrói para torná-la um recurso para o capital.

A colonialidade cria padrões comportamentais que se refletem no curso de nossa história, reproduzindo pensamento baseado em narrativas que se estendem desde as crônicas de relato dos viajantes europeus que aqui chegavam até um dos mitos fundacionais mais produtivos: o enfrentamento da barbárie e civilização.

A criação dos estados-nação apoiada sobre a ideia de modernidade, tendo na literatura um dos seus eixos estruturantes, abre espaço para os devidos questionamentos sobre nossa identidade e possíveis epistemologias que ora conformam ora problematizam esta harmonia identitária: a junção da América indígena, negra, espanhola e portuguesa, já que as letras latino-americanas não se resignaram a suas origens e tampouco se conformaram com seu passado Ibérico.

A partir da literatura é importante ressaltar o trabalho dxs intelectuais latino-americanxs na reconstrução da história ao recobrar, sob os escombros da destruição de suas culturas ancestrais, os discursos e memórias que foram apagados durante a colonização. Abre espaço e oportunidade para, através desta fissura, criarmos nós outras possíveis narrativas e expressões dignas.

Na disciplina *Literatura da Comarca Andina* pude explorar o romance Huasipungo (1934), do equatoriano Jorge Icaza, que traz a denúncia sobre as distintas violências, estratégias de exploração e dizimação empregada sobre as comunidades autóctones frente ao projeto de “desenvolvimento da civilização”. Ao me lembrar do enredo e das lágrimas que rolaram ao finalizar a obra, reforço a crítica empregada sobre esse fardo do homem branco que nos desenvolve em matrizes da morte. Me faz lembrar da resistência empregada em seu cerne pelos povos nativos e sua maneira de enxergar o mundo. Deixo o convite à leitura para que possa entender o porquê de tamanha revolta.

Já sobre *Literatura da Comarca Amazônica*, tenho que me ater a um encontro prodigioso com a cosmovisão nativa acerca dos povos Yanomamis da Amazônia e um estudo específico que me possibilitou o conhecimento do que vem a ser uma cosmovisão. O *perspectivismo ameríndio*, estudado e exposto por Viveiros de Castro me deslocou a um mundo extraordinário de possibilidades de narrativas distintas. Tal *perspectivismo* gira em torno da concepção do corpo uno da condição de humanidade que se aplica a todos os seres habitantes do cosmos. Neste sentido: O referencial comum a todos os seres da natureza não é o homem enquanto espécie, mas a humanidade enquanto condição. (Descola 1986:120)

Entre a substancialidade formal das almas e a materialidade substancial dos organismos, há esse plano central que é o corpo como feixe de afecções e capacidades, e que é a origem das perspectivas (Viveiros, 1996, p.10)

E se “o ponto de vista está no corpo”, qual corpo a contemporaneidade cultua? Frente a outra dimensão, a alteridade do povo nativo transborda de sua natureza através de um enxergar multidimensional. Uma relação que une distintas espécies em uma condição do ser em plenitude. Uma verdadeira reciprocidade de perspectivas que se cruzam, que existem em Gaya.

Na disciplina de *Linguagem e Sociedade*, escutei uma frase que me fez questionar o que já vinha construindo sobre minha filosofia da performance: “A oralidade é performance”. Não entendendo tal colocação, ao fim da aula pude dialogar com a professora, expandindo meu entendimento sobre a importante questão do conhecimento não considerado por aqueles que aqui chegaram invadindo nossas terras. Já que não dotar de tecnologia escrita foi argumento para a imposição de uma cultura “civilizada”. Mal sabiam que esse conhecimento vivo e

único (oralidade), perpetuado por gerações e com seus devidos recursos de registro, faz parte de uma cultura dinâmica de ritmo próprio.

Además, no podemos reducir la oralidad a fenómenos conocidos como arte verbal, en el sentido de mitos, tradiciones orales, cuentos populares o rituales verbales diversos. Cuando hablamos de oralidad, hacemos referencia a usos del lenguaje que varían culturalmente de acuerdo a los contextos. Esto implica tomar en cuenta no solo géneros discursivos como la leyenda o el mito sino también el conjunto de interacciones tanto formales como espontáneas de la vida cotidiana. (ZAVALA, 2006, p. 131)

Falar de *Tradução Cultural* é ter em mãos os dispositivos que nos permitem dialogar com mundos distintos, tomando como ponto primordial o conhecimento da existência de cosmovisões e a aproximação que fazemos ao tentar traduzir aspectos que às vezes não existem em nossa cultura. O que nos possibilita enriquecimento intelectual e expansão dos limites da razão e emoção. Criação de ferramentas para a compreensão do mundo, o combate ao ciclo de preconceitos e uma autêntica mediação cultural. Desta mesma disciplina, vejo a imagem do Inca Atahualpa que foi enforcado em 1533 por não “saber escutar” a palavra de Deus através de um objeto.

Cursar os módulos da disciplina de *Guarani* também me rendeu contato com cosmovisão de exímia magnitude, pois pude aprender sobre a cultura de uma língua autóctone, nossa por excelência. Nessa matéria pude compreender sobre Teko Porã, que é ser, estada de vida, condição, costume, lei, habito... a conjunção de signos que conformam um Bem Viver.

Cada sinal que recebemos tem um significado para nossa vida. O canto de um pássaro pode indicar algo, os trovões que passam são sinal de que algo está pra acontecer, as formigas no meio do caminho, as formas das nuvens, a direção do vento, enfim, muitos presságios nos são transmitidos pelos sinais da natureza, que com sua delicadeza e sabedoria vai nos guiando e nos ensinando como bem viver, que em guarani se fala: Teko Porã, um conceito filosófico, político, social e espiritual que expressa exatamente essa grande Teia, onde vivemos em equilíbrio, respeito e harmonia: É a representação da boa maneira de Ser e de Viver. (CRISTINE TAKUÁ, 2018 p.06).

A partir deste contato, tomei ciência sobre o meu corpo que atualmente carrega o condicionamento e construção ocidental, mas que ecoa no fundo performance de resistência, pois segundo Terence McKenna, em *O Alimento dos Deuses* (1992) “O xamã é o ancestral remoto do poeta e do artista.”

A vibração da ancestralidade latente a este continente, a criatura que brota da terra como semente que ascende rumo ao sol. Todxs detemos desta condição quase que xamânica, se não de Buda¹ de reconhecer e construir em nós nosso próprio caminho. Ainda mais em uma região fronteira, nesta universidade da integração latino-americana, onde me vi exposta ao exercício da alteridade e resistência enquanto expansão de consciência e limites.

Na disciplina de *Gênero e Diversidade Sexual na América Latina*, pude agregar à construção de minha identidade a ancestralidade resgatada e relatada em obras diversas de distintos suportes. Enfrentamentos, batalhas, histórias silenciadas, perseguições religiosas e de extermínio dos corpos que diferem da norma, dos assassinatos e violências diárias que recaem sobre as travestis. Em uma aula magna da Dra. Megg Raiara Gomes de Oliveira na UNILA, pude enfim sentir-me representada em meio acadêmico e compreender meu papel na universidade pública como uma pessoa trans.

Segundo Jesus Martín Barbero (2001) é necessário repensar os limites entre disciplinas e práticas. O des-conhecimento e re-conhecimento são processos para trazer à tona as verdades culturais e os sujeitos sociais. Em fase de transformação das culturas subalternas no momento de transnacionalização (mera sofisticação do velho imperialismo em onda de desenvolvimento capitalista), há a emergência de sujeitos sociais e identidades culturais novas. Em um subdesenvolvimento acelerado e modernização compulsiva, a comunicação se desenvolve como meio estratégico. Posteriormente agregada à criação de teorias da informação e as tecnologias que ocupam papel decisivo enquanto a internacionalização de um modelo político.

Parte da análise dos meios às mediações para tentar capturar a pulsão cooptada pelos estados-nação que, em base a diversos gêneros e plataformas, transforma a cultura popular em cultura massiva a fim de criar um discurso unitário de identidade instituindo categorias dualistas. Logo, mediação é aquilo que está entre o que os meios fazem com as pessoas e o que as pessoas fazem com os meios.

É seguindo o raciocínio construído em sua obra *Dos meios às Mediações*, que aparece então neste contexto uma nova sensibilidade política aberta tanto a

¹ condição de Buda exposta por Nichiren Daishonin, todos os seres vivos detêm do direito de existir e são budas, ou seja, carregam a potencialidade de atingir o estado de iluminação nesta existência.

institucionalidade quanto a cotidianidade; à linguagem que busca expor imbricação presente na economia da produção simbólica; na cultura, pois mestiça saberes e sentidos, seduções e resistências que a dialética desconhece; à subjetivação dos atores sociais e a multiplicidade de solidariedades que operam simultaneamente em nossa sociedade. Continuidades na descontinuidade, conciliações entre ritmos que se excluem para fazer possível pensar as formas e sentidos que adquire a vigência cultural nas diferentes identidades. Momento de reconhecimento de uma mestiçagem que nos constitui em razão de ser em teia de tempos e espaços, memórias e imaginários.

Desse modo, de onde pensar a identidade enquanto segue imperando essa razão dualista entre teoria e prática permeada pela lógica da diferença, que é a lógica da exclusão e transparência? Posso inserir a esta lógica a dualidade entre razão e emoção? fundando uma crítica ao espaço letrado da academia onde sempre fui rejeitada por não escrever cientificamente e sim poeticamente ensaiando? Pode a subalterna escrever/mediar?

A perspectiva da mediação permite questionar a razão estruturalista que faz desaparecer o símbolo carregado de tempos, memórias, histórias e lutas. Romper com este dualismo é ater-se ao espaço do entre. Segundo Roberto da Matta, faz-se básico estudar aquele espaço vazio e terrível que relaciona Dominantes e Dominados, pois o mesmo que cria tais categorias exclui os sujeitos, já que os desconhece em sua totalidade e especificidade. O que se encontra no espaço entre sentir e pensar, seria a poesia?

Porque é um tipo de mediação o que faço, já que é da margem que migro à universidade. O que há no espaço entre não ser bem letrada escrevendo gramaticalmente correto e o universo de conhecimentos ancestrais regidos pela oralidade angariados na marginalidade? Defendo o ensaio pois nele me vejo representada pela liberdade de poder escrever e fazer de minha expressão potência mediadora.

O ensaio, prosa mediadora entre a prosa, ingressa em um espaço de diálogo e encontro, isto é, em um espaço onde se dá uma relação entre valor e sentido, cujas condições ele mesmo re-presenta, re-pensa, re-interpreta, re-configura. Porém, ao mesmo tempo, como discurso em segundo grau (CHIAMPI apud GONZÁLES ECHEVARRÍA, 2001, pp.80-81), sua forma de

mediação está dada e autorizada pela especificidade de sua própria forma.
(WEINBERG, 2017, p.5)

A mediação que fiz e faço está entre tecer os planos que me atravessam enquanto corpo marginal e repensar o lugar de onde pensar. O que transformo no curso de enfrentamentos, o que exponho em oportunidade de relato.

Pois é necessário uma ação da natureza da mediação para fazer frente às articulações entre práticas de comunicação e movimentos sociais em diferentes temporalidades e pluralidade de matrizes culturais. Processo que permite sacar as contradições do esquema e visualizá-las fazendo e desfazendo. São as brechas nas situações e as situações de brechas.

A modo de conclusão dessa incursão sobre uma obra esclarecedora por mais que desafiadora, mediação como a antropofagia que expõe um espaço insurgente para a criação de realidades, e mais que isso. É performance que cria redes e conecta pessoas em intenção de trazer à tona potências que possam reconstituir a dissolução política em espaço de produção simbólica, capaz de questionar as relações de poder e como se configuram em cada formação social. Produto de conflitos concretos e de batalhas no terreno econômico e simbólico, de onde se articulam as interpelações que constituem os sujeitos e as identidades coletivas.

Para finalizar o relato no campo da formação de bagagem intelectual que sustenta minha criação artística, transcrevo pequeno fragmento de uma leitura realizada na disciplina de *Literatura da Comarca Caribenha*, no que diz respeito às nossas raízes:

Segundo Flávio Aguiar, seria a questão cultural decisiva por estabelecer um traço íntimo comum entre nossos povos, permitindo a construção verdadeira de solidariedade na auto afirmação. Cultura como raiz. Raiz como passado obscuro da colonização. Raiz como coisa que fixa, inaugurando e desenvolvendo nossos processos de captação de energias e transformação comum frente à diversidade de nossos povos:

Quando digo que a América Latina não existe, quero dizer que ela é, na verdade, um projeto, um por-fazer. Essa América Latina por fazer é, antes de tudo, um projeto cultural, e seu embrião é uma possível rede de trabalho intelectual que distinga raízes comuns e que estabeleça pontes de relação entre seus e com outros povos. (AGUIAR, 2016, p.1)

Tais especulações me serviram de colírio para enxergar realidades distintas de minhas dimensões inexploradas. Pensar a escrita sentida (sentipensar) é criar a ferramenta para mediação. É refletir sobre o porquê, para quê e de que maneira minha expressão poética agrega à linha de produção de conhecimento científico. De onde surjo para interferir em um discurso? da narrativa do entrelugar, espaço para a inscrição deste corpo urgente. E por quê urgente? Porque é sobre o agora, atualidade. Porque a América Latina contém utopias necessárias para o mundo.

2. CORPO URGENTE

Escrevo o corpo como urgente, pois é a partir de uma vivência marginal que essa entidade concebe-se como particular. Vive um histórico de violências que afere um corpo gordo excluído da hegemonia dos padrões de beleza cultuados em sociedade; uma identidade trans que é tida como anormal e violável à lógica dos gêneros binários que sustentam dominação patriarcal e poder capitalista eurocentrado; e uma classe social dos baixos estratos da sociedade onde a informação é escassa e o desconhecimento do empoderamento através da educação é projeto perverso que segue vigente para o não questionamento da situação em que somos sujeitadx enquanto pessoas pobres.

Violências que por muito tempo foram cristalizadas no subconsciente de um destino dado como irremediável. Foi e continua sendo necessário o rompimento de tais cristalizações, da criatividade na construção de saídas possíveis para cessar o ciclo de opressões. Pensar meu corpo como urgente é imaginar um asteróide que queima enquanto rasga a atmosfera. Aquilo que apontamos como uma estrela cadente que brilha e urge a própria existência.

É no pulso da criação somado à reflexão e introspecção, a fim de respirar o corpo em seu encontro, que me concebo como urgente para a existência e performance arte. Realidade que construo através de novas narrativas do eu e de suas muitas potencialidades.

Se a construção do Ocidente sempre objetivou a delimitação do eu através da pele das palavras, a descolonização da escrita precisa exercer-se sobre o reconhecimento das muitas peles que formam as camadas dos muitos eus que nos compõem. (PEREIRA, 2018, p.53)

2.1 URGENTE EM BIOGRAFIA.

Compreender parte das bases que constituem minha trajetória na universidade pública é ter em conta que sou filha de pais que abdicaram de suas respectivas formações para que eu tivesse a oportunidade de ingressar a uma graduação de nível superior.

A humildade fruto da construção de meus valores vem de mãe piauiense e pai mineiro, que se conheceram em São Paulo, cidade onde nasci. Nunca me deixaram faltar nada, apesar das dificuldades que enfrentaram em minha criação e incentivo à educação, à possibilidade de sonhar e almejar o auto-aprimoramento.

Uma vez que trabalhavam arduamente para pagar aluguel, contas e despesas de uma família de quatro pessoas. E ainda garantiam o acesso ao lazer, idéia que me desperta certa nostalgia dos dias de passeio na grande cidade paulista com direito a uma trilha sonora impecável. Escrevo este exemplo de recordação em mérito de explicar o conceito de felicidade existente na simplicidade, pois em questão de criatividade e amor, posso dizer que fui privilegiada.

Agradeço a minha mãe que depois de longas tentativas pôde me matricular na instituição pública de melhor destaque da região de Caucaia do Alto em Cotia. A escola estadual Sidrônia Nunes Pires, que me rendeu experiência fundamental na preparação para o mundo fora da escola. Em especial uma professora de Artes, Rosana, responsável por minha paixão pelo mundo da história da arte.

Não posso deixar de escrever sobre este pequeno distrito onde cresci, das grandes pedras e montanhas que foram meu refúgio pelas tardes de outono e noites de verão. Da biblioteca municipal Carlos Drummond Andrade, meu esconderijo para fugir da escolinha de futebol. Da Associação Filantrópica Criança Feliz, matriz do projeto de música e prática artística Guaçatom, que me iniciou no mundo dos SESCOs de São Paulo, meus primeiros contatos com o universo da cultura e arte institucional ainda quando criança.

Através de professores de grande benevolência comprometidos com sua importante e indispensável profissão, tomei consciência de que em alguma universidade pública do Brasil, gratuita e de excelência, podia eu fazer lugar. Mas já era advertida que a luta para quem é pobre não era fácil.

Formada no ensino médio em 2013, ano que já havia experimentado um pouco do que era o *cursinho*, segui com os estudos pré-vestibulares, desafio que me tomou três anos de intensas batalhas contra a ansiedade, depressão, pressão social, intensos deslocamentos entre periferia e centro, desgaste mental e físico e considerável construção de conhecimento e resistência.

A luta por ingressar na universidade começou com o difícil acesso a cursinhos pré-vestibulares gratuitos. O descontentamento e frustração por não haver vencido a tortuosa experiência de vestibular durante dois anos me desestimulava, aspecto somado ao esgotamento psíquico fruto das intensas rotinas de estudos e deslocamentos.

Houve o ano mais difícil e último, em que saía de minha cidade às cinco horas da manhã e retornava cerca das onze horas da noite, durante um transcurso de oito meses. Os seis ônibus que tomava para ir e voltar se converteram em meu ambiente de estudos, seja sentada ou em pé, sempre com um livro e lápis em mãos.

Depois de um ano estudando e praticando os ensinamentos budistas, admirada pela história da organização, advindo de um processo em que já havia me rebelado da Igreja Católica (seio de minhas primeiras performances, já que fui “coroinha”), encontrei nesta filosofia a esperança para seguir em frente com um sonho que alimentava há muito tempo, visto que já estava pelo terceiro ano consecutivo de estudos. Porque não era apenas um objetivo a tão clássica cena de ver seu nome na lista de selecionadxs, para minha existência e contexto, era mais que um sonho, era transgressão!

Sob as orientações de companheirxs que conheci nos primeiros contatos com a doutrina budista, pude desenvolver determinação capaz de fazer surgir fogo em lenha molhada, recobrando o curso de minha vitalidade e compreendendo que a partir de minha postura e persistência, não cultivando nenhum tipo de dúvida em meu coração, venceria infalivelmente!

Finalmente fui selecionada para ingressar em universidades no sudeste e nordeste do Brasil. Mas o encontro por acaso de um curso na plataforma do SISU reorganizaria o curso de minha vida.

O bacharelado em Letras - Artes e Mediação Cultural abarcaria o que eu vinha almejando como carreira. Foi uma incrível descoberta, equiparada ainda a outra grande satisfação, o conhecimento da instituição que pertence à carreira, a Universidade Federal da Integração Latino-Americana.

Digo que encontrei por acaso tal instituição e curso, mas em realidade tal reação já estava programada como boa fortuna resultado da prática de recitação da Lei Mística de causa e efeito, pois tremenda foi a sensação de conceber morar em um território fronteiriço, estudar em uma universidade internacional, a possibilidade de seguir lapidando meu potencial de expressão artística e claro, poder estudar a literatura, uma vertente que me aproximei quando me encontrava sozinha e confusa por ter de performar uma identidade que a mim não se encaixava. Mas pouco imaginaria o orgulho de hoje me reconhecer latino-americana, travesti, marginal e periférica, artista de performance, poeta do corpo fronteira, mediadora cultural, ativista pela criação de valores de paz, cultura e educação através da *Soka Gakkai*.

2.2 URGENTE EM POTENCIAL - HUMANISMO BUDISTA.

Não conheci meus avós por parte paterna, pois faleceram antes de eu nascer, porém sempre digo que minha avó me deixou uma grande herança. Como foi budista da escola de Nichiren Daishonin, meu pai me transmitiu este conhecimento e assim pude desfrutar da ação cármica.

Baseada na prática da Lei Mística de causa e efeito, a recitação do Sutra do Lótus e sua essência (*Nam Myoho Rengue Kyo*) que desperta estado de Buda presente em vida, gozo do estado de verdadeira felicidade, pois a partir de inúmeros sofrimentos e batalhas, posso perseverar em liberdade de viver quem sou (a categoria de pessoa trans que hoje me contempla) e revelar minha verdadeira identidade de *Bodhisattva que emerge da terra* (Bodhi significa “sabedoria do Buda” e sattva, “seres sensíveis”).

Com o aporte da organização que leva a prática do budismo de Nichiren e sua tríade de fé, prática e estudo junto aos incentivos de meu mestre, Daisaku Ikeda, a cada ano da graduação pude avançar no que chamamos Revolução Humana. Esforço em avançar dia após dia, tendo como postura a resoluta determinação de que somente a felicidade tem a capacidade de ser eterna, jamais o sofrimento. Tal revolução é força motriz para o desenvolvimento de uma sociedade pautada nos ideais que prezam a dignidade de vida presente em cada ser humano.

O mundo jamais irá melhorar enquanto as pessoas — que são a força propulsora e o ímpeto que estão por trás de todos os empreendimentos — forem egoístas e insensíveis. Nesse sentido, a revolução humana é a mais fundamental de todas as revoluções, e também a mais necessária para toda a humanidade. Segundo Josei Toda, a essência da revolução humana é viver a vida de um modo só seu, sendo fiel a si mesmo. (Daisaku Ikeda, 1994)

O que se aprende verdadeiramente da educação humanista budista é colocar em prática a filosofia estudada, o que resulta na transformação do carma e do condicionamento em que se encontra mente e coração, em contato com a “terra pura indestrutível presente no corpo do Buda” (Sutra do Lótus).

A fé no budismo de Nichiren Daishonin não é passiva ou dependente, buscando-se simplesmente a felicidade por meio das boas graças concedidas por alguma força externa. A fé fundamentada na Lei Mística visa ativar a natureza de buda inerente a todos nós, e não invocar um poder ou ser externo que faça algo por nós. (TC, ed. 610, jun. 2019, p.50)

Os questionamentos sobre aspectos existenciais, identidade e corpo que me rondava a mente durante muito tempo, puderam ser respondidos e atualmente reconstruídos, a partir de minha conversão ao budismo de Nichiren Daishonin (1222-1282), em 2015, que faz parte da organização associada às Nações Unidas, a Soka Gakkai.

Presente em 192 países e territórios foi fundada em 1930, titulada como Soka Kyoiku Gakkai - Sociedade Educacional para a Criação de Valores (formada majoritariamente por educadores descontentes com o sistema educativo de memorização e educação de pessoas obedientes ao estado). Foi idealizada pelo educador geógrafo e pedagogo japonês Tsunessaburu Makiguchi (1871-1944), mestre que lutou até o fim de sua vida contra as forças destrutivas de repressão do imperialismo crescente no Japão da época, que oprimia qualquer liberdade de expressão e de religião.

Makiguchi lutou a favor da reforma educativa japonesa que sofria com grandes ataques sob um governo que estabelecia um patriotismo cego e livre de qualquer questionamento. A imposição do talismã Xintoísta contribuiu para uma batalha ainda mais severa, porém o educador não poupou uma fibra sequer de seu ser e faleceu serenamente na prisão, sem render-se um momento às forças destrutivas.

Seu predecessor, Josei Toda, que o conheceu em uma oportunidade onde este lhe pediu um cargo de professor na escola em que Makiguchi era diretor, seguiu a luta e os passos de seu mestre. Foi na mesma prisão junto a Makiguchi, após ler inúmeras vezes o Sutra do Lótus e recitando a essência do mesmo (*Nam Myoho Rengue Kyo*), compreendeu que Buda quer dizer Vida, o que o levou a aprofundar ainda mais sua convicção no budismo de Nichiren Daishonin.

Depois de sair da prisão em 1945, em um Japão devastado pela guerra, levantou-se só para reconstruir a organização, alterando seu nome para *Soka Gakkai* (criação de valores), a fim de adequar ao objetivo que aspirava: a concretização do *kosen rufu*, ou seja, a felicidade de todas as pessoas e a paz do mundo, abarcando assim todos os âmbitos do ser humano.

Foi em uma reunião de diálogo (encontro que fundou a organização e que ainda hoje existe como atividade da prática do budismo) que Toda conheceu quem

seria seu discípulo e responsável pelo futuro da instituição, Daisaku Ikeda, jovem que teve seu irmão morto pela guerra e quem jurou expandir o movimento do *kosen rufu* além mar.

Em seu romance de 30 volumes A Nova Revolução Humana, Ikeda narra a história de propagação do budismo pelo mundo em um movimento que preza a dignidade da vida através do diálogo para felicidade de toda a humanidade e a paz mundial. Tal organização tem como estandarte a construção de uma sociedade de Paz, Cultura e Educação baseada no budismo, que forja jovens que contribuam ativamente com a sociedade.

Desde 1983, anualmente no dia 26 de Janeiro, dia da fundação da Soka Gakkai Internacional, o Dr Ikeda apresenta propostas de paz às Nações Unidas. Os encontros que realizou com líderes políticos, educadores, cientistas e escritores, músicos, especialistas em medicina e inclusive astronautas, totalizam mais de 1.700 encontros. Os livros publicados de seus diálogos com intelectuais do mundo chegam a cinquenta. Mediante a estes diálogos entre civilizações, construiu uma grande notoriedade internacional, pois contribuiu à compreensão mútua entre os países e a solidariedade entre povos. Em particular, recebeu condecorações nacionais de muitos países e títulos de mestrado, doutorado, cidadão honorário, entre outros. (Revista Humanismo Soka, 2019).

Bem como detemos a potencialidade de brotar da terra como sementes que buscam a luz do sol, outra analogia para compreender o potencial presente em cada pessoa e a dinâmica da existência, é a flor de lótus. Tal flor nasce em meio barroso, ao mesmo tempo em que floresce também possui sementes, o que pode ser entendido como a lei de causa e efeito. Nossa vida é como esta flor, por mais que nos encontramos em dificuldades e sofrimentos, carregamos a potencialidade de desabrochar em exímia beleza, em busca do auto-aperfeiçoamento e desenvolvimento. A construção de fortaleza interior e verdadeira felicidade (felicidade absoluta, não relativa).

A lei de causa e efeito funciona junto à lógica de ação e reação, que também explica os efeitos cármicos. Quando compreendi estas analogias na prática, pude me despedir do passado que assolava o presente de minha existência, elevando-me espiritualmente e criando as condições básicas para um viver digno pautado no

otimismo e mudança de postura, pois os sofrimentos sempre estarão presentes, porém é a maneira de enxergá-los que nos prepara para vitória sob qualquer circunstância.

Criando boas causas no presente a serem colhidas no futuro, perdendo aqueles que algum dia me feriram. Pois não há sensação de maior serenidade que entender com a própria vida nossa singela passagem por este plano terreno, porque a existência é infinita como o universo.

Sobre aqueles que um dia derramaram sobre meu corpo a opressão em que estavam imersos, oro sinceramente para que possam encontrar com seu ponto de paz e felicidade. Já que deve ser confuso não poder enxergar o passo em que se dá na própria vida, não ser consciente do próprio brilho que espera a oportunidade de irradiar. No budismo aprendi que somos como diamantes, este material mais bruto da natureza somente pode ser polido com outro diamante. Logo, a felicidade não se vive sozinha.

2.3 URGENTE EM PERFORMANCE ARTE.

Meu contato com o que se denomina performance arte se deu desde quando eu era criança, em meados de 2007, em oportunidades de apresentação musical do projeto Guaçatom nos centros culturais dos SESCOs de São Paulo. Foi no SESC Pompéia que presenciei uma ação de performance que ficou gravada em meu imaginário. Um grupo de artistas rompeu com a realidade do espaço e tempo, vestidos todos de preto da cabeça aos pés. Irromperam entre a multidão caminhando, correndo e indagando às pessoas: O que te move? Eram como sombras de nossos corpos que estavam a nos seguir e questionar: o que te move?

Foi no mesmo SESC, em 2015, que participei do workshop da renomada artista de performance Marina Abramović² na exposição “Terra Comunal” que além de nos imergir em seu método para a performance arte, trouxe uma retrospectiva de seus trabalhos. Experiência que me rendeu profunda imersão nesta arte e o estudo do corpo em face de explorar, compreender e trabalhar com os fluxos e silêncios internos em meio ao caos da cidade sociedade e época.

Tal ramo da arte contemporânea é de complexa categorização ou desmembramento de explicação, já que mescla a manifestação do corpo como suporte a diversas linguagens como teatro, dança, artes visuais, objetos, estruturas, espaço... é a arte da ação, do momento, da efemeridade, do instante, arte da vida capturada na pausa, no silêncio do pensamento e reflexão. É arte de experimentação e fronteira, ato movimento que dá forma a ideia. Segundo Nieves Correa, é a vida que se oferece como obra.

Regina José Galindo (Guatemala, 1974) é artista de performance que me contempla em seu discurso sobre o processo criativo de sua manifestação: "Yo tengo el cuerpo, yo soy la artista, soy objeto y sujeto de mis propias ideas. Es una práctica del cuerpo donde además teniendo un compromiso vital y que es básicamente lo que a mi me interesaba, el manejo de la forma, hago obras de arte, tomo la información, hablo de lo que me causa ruido, a lo que me causa molestia, hablo de lo que tenga que hablar, pero le doy forma. Lo que yo sé hacer como artista

² Marina Abramović (Sérvia-1946) é considerada uma das mais emblemáticas artistas de performance, iniciou sua carreira nos anos de 1970, seus trabalhos exploram a relação entre artista e plateia, limites do corpo e as possibilidades da mente.

es darle forma, lo que me ayudara a expresar algo que me está causando ruido, lo tengo que sacar.” (entrevista para La Casa Encendida, 2017)

Para Diana Taylor, acadêmica teórica e fundadora do Instituto Hemisférico de Performance e Política, performance arte ou arte-acción funciona como atos visíveis de transferência, transmitindo saber social, memória e sentido de identidade através de ações. Constitui-se como uma lente metodológica, funciona como uma epistemologia e prática incorporada de maneira conjunta com outros discursos culturais, um fenômeno simultaneamente “real” e “construído”.

Performance acarrea la posibilidad de un desafío, incluso de auto- desafío, en sí mismo. Como término que connota simultáneamente un proceso, una práctica, una episteme, un modo de transmisión, una realización y un medio de intervenir en el mundo, excede ampliamente las posibilidades de las otras palabras que se ofrecen en su lugar (TAYLOR, 2007, p.7)

Beatriz Medeiros, artista brasileira de performance arte, traz em seu texto Tempo e Performance que falar de tal manifestação é ater-se aos fragmentos da memória, é buscar religar artificialmente momentos – escrita espalhada na desordem do cotidiano. Defende que a linguagem corporal dificilmente se tornará linguagem arcaica e comprometida. Indaga então como proceder para a execução deste texto, se toda ação de performance artística não pode ser traduzida, em sua totalidade, em um texto.

A performance é processo puro. E se dela falarmos, estaremos sendo sempre parciais: cada um de sua perspectiva pouca. Essa arte é um reflexo de percepções de um imaginário particular, tudo isso em um momento único e preciso. A palavra, que pretende a compreensão universal de uma ação artística efêmera, ou não, será sempre geradora de direito de exclusão. (MEDEIROS. 2007 p.2)

Performance arte porque materializa a idéia de subverter a violência, da transgressão do corpo silenciado e invisibilizado, pois fagocita, reconfigura e expõe pérola de matéria reluzente. É o ato da vida crua, flagrada e captada em expressão que rompe com o automatismo cotidiano. Faz refletir sobre o que já não nos atemos cotidianamente ou o que necessita ser visto, vivido, escutado, repensado. É obra de arte que respira viva e logo desaparece, é a celebração da existência em transgressão daqueles que ousam romper com a realidade, em um estilhaçamento das dimensões de idéias. É do momento e do insight a ser despertado nos imaginários. Pode ser a desinibição das normas de moral engessadas nos corpos.

Em geral, a performance secreta (purga, expele) um desejo de perturbar a ordem de quotidianos enfeitados pela regularidade. Ser volúvel e contraditório. Borboletear essa sopa de culturas e não fugir do carnaval. Coquetel racial. Consciência epidérmica. Ser antropófago e driblar a cultura 'sorbonnardiana'. (MEDEIROS, 2007. p.2)

É no pulso do tempo no momento em que se funde as três existências, passado presente e futuro, que nasce da urgência a coragem de enfrentamento. A sabedoria cultivada no curso da existência. Nichiren Daishonin escreve:

Não pode haver descontinuidade entre as três existências do passado, presente e futuro (CEND, v. I, p. 405). Passado, presente e futuro não estão separados um do outro, continuam juntos e se conectam por meio da lei de causa e efeito. O budismo ensina que a vida agora, neste momento, abarca todas as causas do passado e todos os resultados, ou efeitos, que se manifestarão no futuro. Essa "simultaneidade de causa e efeito" significa que a eternidade está contida neste momento. (Daisaku Ikeda). Buda é denominado Aquele que Assim Chega, um termo que se refere à dinâmica da vida pulsando com sabedoria a cada instante. (Ibidem)

Logo, minha arte de performance está imbuída de cosmovisão budista, em contato com a verdadeira essência de todos os fenômenos, como é descrito em uma passagem do Sutra do Lótus (*A essência real de todos os fenômenos somente pode ser compreendida e partilhada entre os budas.*) e como explica Daisaku Ikeda (*Podemos encontrar significado em tudo, seja nos momentos de sofrimento ou de alegria. O que a sabedoria da essência real de todos os fenômenos oferece à nossa vida? Ela nos brinda com a capacidade de usar habilmente tudo o que nos ocorre para criar valor*).

A vida em cada momento abarca o corpo, a mente, o sujeito, e o meio ambiente dos seres sensíveis nos dez mundos. Também abrange os seres insensíveis nos três mil mundos, incluindo as plantas, o céu, a terra e até as minúsculas partículas de pó. A vida em cada momento permeia todos os fenômenos e é revelada nelas. (Coletânea de escritos de Nichiren Daishonin, V.1 p.3.)

E para finalizar o relato do corpo que se concebe como urgente para a criação artística de performance arte, não mais me aterei as diversas tentativas de classificação desta arte, já que Beatriz Medeiros me contempla em suas palavras:

Escrever um texto sobre performance é uma contradição. Um sistema fechado e reconhecível é incompatível com a performance. As ações são irredutíveis a palavras. Essa arte não quer erigir um sistema, não quer se tornar um método, não funda escola. (MEDEIROS, Beatriz. Tempo e Performance. 2017, p.4)

3. CORPO FRONTEIRA

A série de performances Corpo Fronteira que leva as manifestações que aqui vou expor, surgiu em sugestão da professora Gabriela Canale Miola quando me orientou e ofereceu todo o suporte para a realização de minha primeira performance artística em ambiente acadêmico, *Corpo Fronteira-Óleo sobre piso* em 2017.

O termo Corpo Fronteira baseia-se em um aspecto básico da filosofia budista de Nichiren Daishonin, o *Esho Funi (inseparabilidade da vida e seu ambiente)* que pode ser explicada através de minha relação com o espaço que ocupo e o território a qual faço morada. As raízes que expandi no território fronteiriço, fertilizadas pelo rio Paraná que corta três países, Brasil, Argentina e Paraguai. O campo energético próprio desta tríplice fronteira, onde as cataratas despejam água em uma estrondosa força natural. O próprio elemento água e suas possíveis digressões, a terra vermelha fértil, o bioma que cobre e impõe-se sobre a cidade. Os grilhões de energia da maior hidrelétrica do mundo fincadas neste solo que também é regado de sangue nativo.

A interação de meu corpo, universo e energia com este território foi imprescindível para o bom funcionamento dessa coexistência. Porque foi a oportunidade necessária para expandir meus limites, transmutar passado e presente repletos de opressões e desafios.

Se a idéia da insularidade de Lezama Lima cultiva uma sensibilidade mítica sobre as antilhas caribenhas, crio, a partir de minha vivência e experiência a narrativa de que esta fronteira se abriu em portal que me induziu a extremos; a exploração das comarcas do eu, dos afluentes presentes no rio da subjetividade, do fluxo das pontes: cruzar o lugar das fronteiras imaginadas.

Porque foi neste território que me reconheci latino-americana, sangrando e resistindo, reconstruindo, remontando, ressignificando, batalhando, transformando, sendo. Somente depois que me abri à potência do território, pude fazer parte deste

cosmos, por onde escoou sobre o meu corpo conhecimento de resistência nativa, pensamento, memória e alguns aspectos que conformam o que é denominado cultura dos povos latino-americanos.

Seu corpo, música, poesia, performance, oralidade, escrita e as distintas expressões que são materializadas em ritmos e formas variadas. Evento de ler, escutar e interagir observar perspectivas em que podemos, partindo de nossa desconstrução, permitir ver-se refletidos em outros corpos em outras margens com suas respectivas cosmovisões.

Para isso não há referência teórica, aqui se inscreve o teor resultante da integração latino-americana que pude vivenciar fazendo parte da UNILA, tendo como base a bibliografia do curso de LAMC. Esse intercâmbio possibilitou-me uma perspicaz atmosfera para a prática da mediação cultural.

Falar em integração me faz lembrar os distintos espaços que ocupei durante minha passagem pela cidade de Foz do Iguaçu. Morei em cerca de onze repúblicas estudantis, experiência que resultou trabalho acadêmico para a disciplina de Ética e Ciência, intitulado: “Ética e convivência nas repúblicas estudantis”. Onde refleti e denunciei os imperativos patriarcais e de classe presentes em sociedade e meu enfrentamento em tais espaços, já que a influência de poder aquisitivo se desdobrava em privilégios e abusos sobre os corpos de quem não exercia poder algum, salvo o da autonomia do embate a este tipo de violência. Foram tantos os conflitos, muito aprendizado e também gratidão pela boa educação que me foi transmitida em casa fruto da humildade. De fato conviver é complexo, mas sempre há algum amigo que deixa a caminhada menos pesada.

Morar é diferente de ocupar, pois quando cheguei à cidade para realizar a matrícula na instituição acadêmica, tive que esperar cerca de três meses para acessar os auxílios estudantis, o que me fez ocupar a antiga moradia da universidade que estava desativada e abrigando cerca de 30 pessoas de distintas nacionalidades.

Foi neste momento, onde eu recém havia aterrissado na fronteira, que pude vislumbrar a tremenda luta que empregaria para chegar viva até o fim da graduação, pois a condição de insalubridade em que vivia neste ambiente não está escrito. Conviver com a fome e assistir aulas com o estômago vazio por conta dos processos

burocráticos de uma instituição e até mesmo sobre minha condição marginal é ter consciência de que somente ingressar à universidade não basta.

É necessário garantir efetivamente a permanência da/o aluna/o em condição de vulnerabilidade. Foi nesta moradia que aprendi a autogestão e companheirismo, a busca por doação de alimentos pelas diversas instituições de todos os tipos em Foz do Iguaçu e os laços de amizade que cultivo até hoje.

Sobre este companheirismo preciso agradecer uma pessoa que me ajudou desde o início desta incursão ao mundo adulto e acadêmico. Sobre uma amiga que me abrigou em sua cabana na antes mencionada moradia e que por semanas dividimos refeições baseadas em ricota e tererê. Passados cinco anos, essa mesma amiga é responsável por conceber a oportunidade de escrever este trabalho, pois se não fosse sua tamanha benevolência, eu não teria o dispositivo necessário para trabalhar esta monografia. Muito obrigada, Lucas Messias, eu amo você.

Não posso deixar de mencionar as diversas viagens a São Paulo onde iria apenas para buscar alimentos na casa de meus pais. A passagem de ida e volta era garantida pelo meu trabalho de contribuir ao escoamento de mercadorias do Paraguai à São Paulo, em ônibus também insalubre e correndo todos os riscos possíveis de assaltos e acidentes, já que fazia parte da rota do tráfico de mercadorias.

Estratégia de sobrevivência também empregado nas minhas mais de seis travessias ao dia pela ponte da amizade, para entrar de mãos vazias no Paraguai e sair no Brasil com mercadorias que dizia serem minhas. A fim de ganhar vinte reais a cada passada de sucesso pela aduana.

Ao relatar tais experiências, não me resulta vergonhoso o que tive que fazer para me sustentar e seguir com o curso de minha formação, vexatório mesmo é ter de viver apenas com a renda de R\$600,00, valor do auxílio estudantil. Expus-me a diversos perigos, com a convicção de que algum dia tudo melhoraria e não precisaria mais usar desses meios para sobreviver.

Enfrentamentos que foram refletidos em algumas intervenções e manifestos que pude realizar nestes anos de universidade, encontrando na arte espaço de resistência e cura, por meio da transformação de opressão em questionamento, em

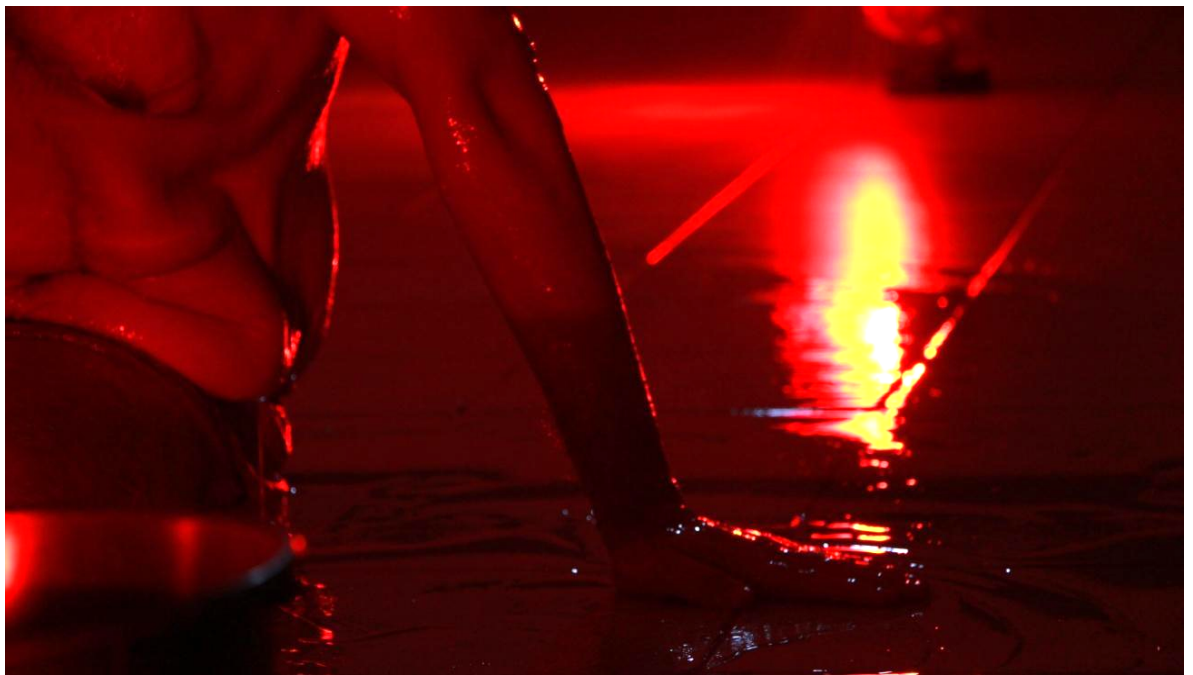
objeto/reflexão político artístico, sobre o meu corpo que por muitas vezes desmaterializou-se no tempo, sendo tinta imprimindo-se na tela/quadro do espaço, fazendo e experimentando a performance arte.

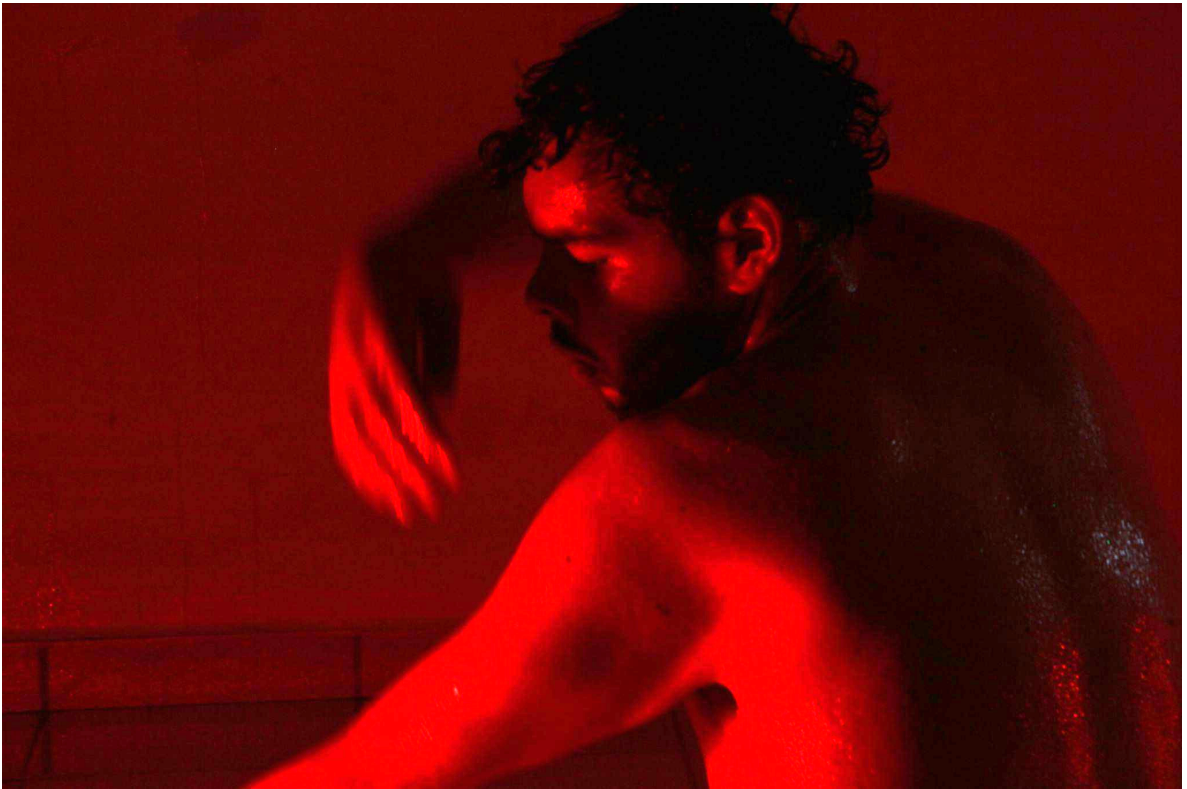
Minha prática artística é política, pois é busca por justiça e igualdade, imposição de quem sou frente o que denominam ou o que esperam que eu seja.

3.1 ÓLEO SOBRE PISO 2017









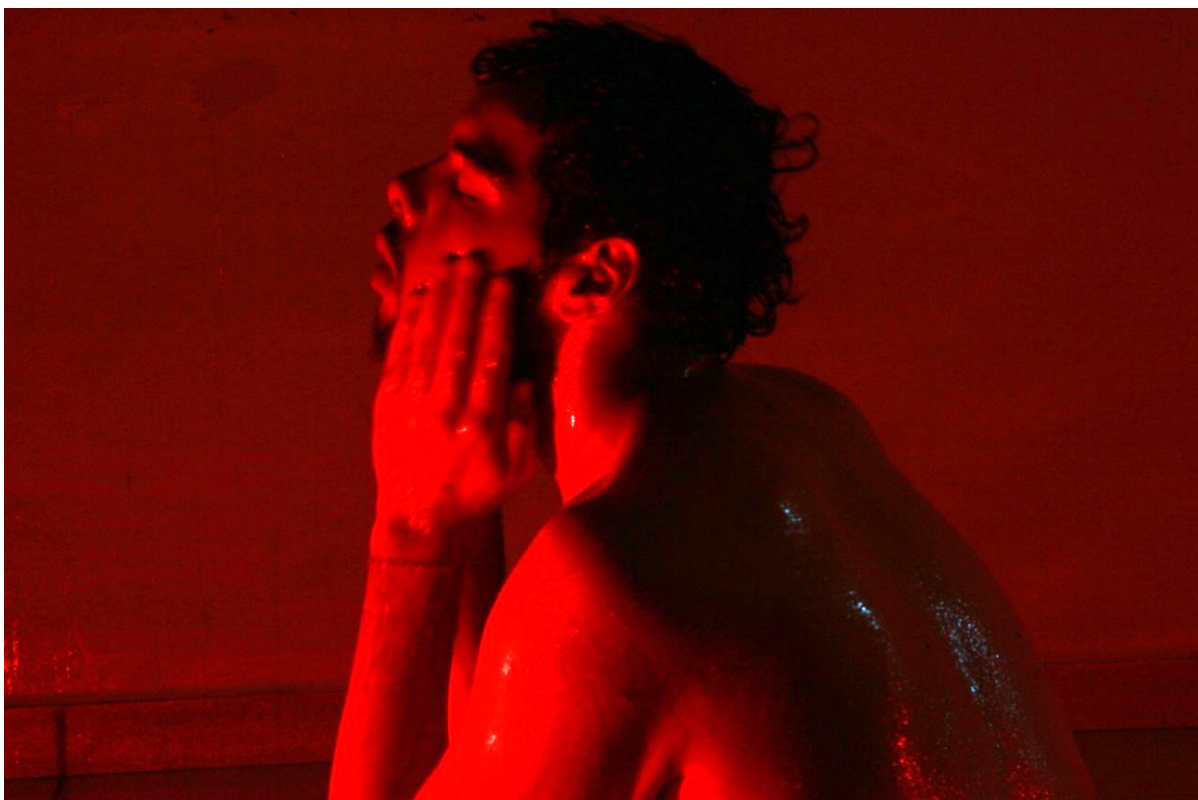
Nesta performance, encontro-me seminua em uma sala de exposição aberta ao público. Duas luminárias cobertas com plástico vermelho fazem alusão ao espaço subjetivo de onde me expresso. Em linha horizontal delimitando o espaço entre público e artista, dois recipientes comportam 20 litros de óleo vegetal, matéria que interajo por três horas. O eco de minhas palavras gravadas com as ofensas recorrentes em toda minha vida por ocupar um corpo gordo, reverbera no ambiente através de uma caixa de som. Na tentativa de integrar-se a este material, evoco severa crítica aos padrões de beleza instaurados socialmente. Pois o óleo que escorre sobre seu corpo marginal e periférico, permite o encontro comigo, trabalhando traumas, reconciliando e aproximando consciência de corpo, aprendendo a tocar, sentir, aceitar e respeitar este território potência. Faço crítica também à hegemonia dos corpos representados nas artes plásticas, pois meu corpo gordo é impresso na tela do espaço, em sua primeira manifestação de performance em ambiente acadêmico institucional.

Manifesto:

Transponho corpo
 rasgo o espaço
 meu limite limita-se
 à pequenas intransigências
 Exalto, peso, confronto
 choco oco ovo
 Respiro ar de pesado fardo
 suor escorre GORDURA!
 ÓLEO SOBRE PISO.
 CORPO F.R.O.N.T.E.I.R.A
 Vivo um corpo negado
 carrego fardo que pesa
 subjetivamente.
 Grande, porém invisível
 distorcido paradoxo.
 à margem de padrões, viro observadora!
 enxergo uma sociedade fadada à hipocrisia!
 olhares que dilaceram: espaço violado, invadido.
 Objetificado.
 CORPO MARGINALIZADO
 FRONTEIRIÇO
 ó-le-o
 (latim oleum, -i, azeite de oliveira)
 1. Substância gorda, líquida à temperatura ordinária e insolúvel na água, de origem vegetal, animal ou mineral.
 "óleo", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha].

Em eterna transe com o movimento eu quero o encontro e o explorar livre da entidade que abriga exímia alma. Eu quero a transe pelo movimento da expressão. Eu quero o jogo do corpo em celebração com o espaço. Eu quero a leveza de um corpo que expurga o inconsciente. Eu quero a liberdade para um corpo que se prendeu às mazelas sociais. Consciência em rebento criador de rasgar o momento em delírio com o agora. Com a transe de rasgar dimensões inteiras. Eu quero fazer da liberdade, óleo que escorre sobre o corpo, vou tatear o escuro a fim de encontrar-me. A performance arte é a geografia do corpo. Movimento.

-Anotações de caderno de campo para a performance óleo sobre piso-corpo fronteira, 2017.



3.2 PAU DE SEBO, 2018

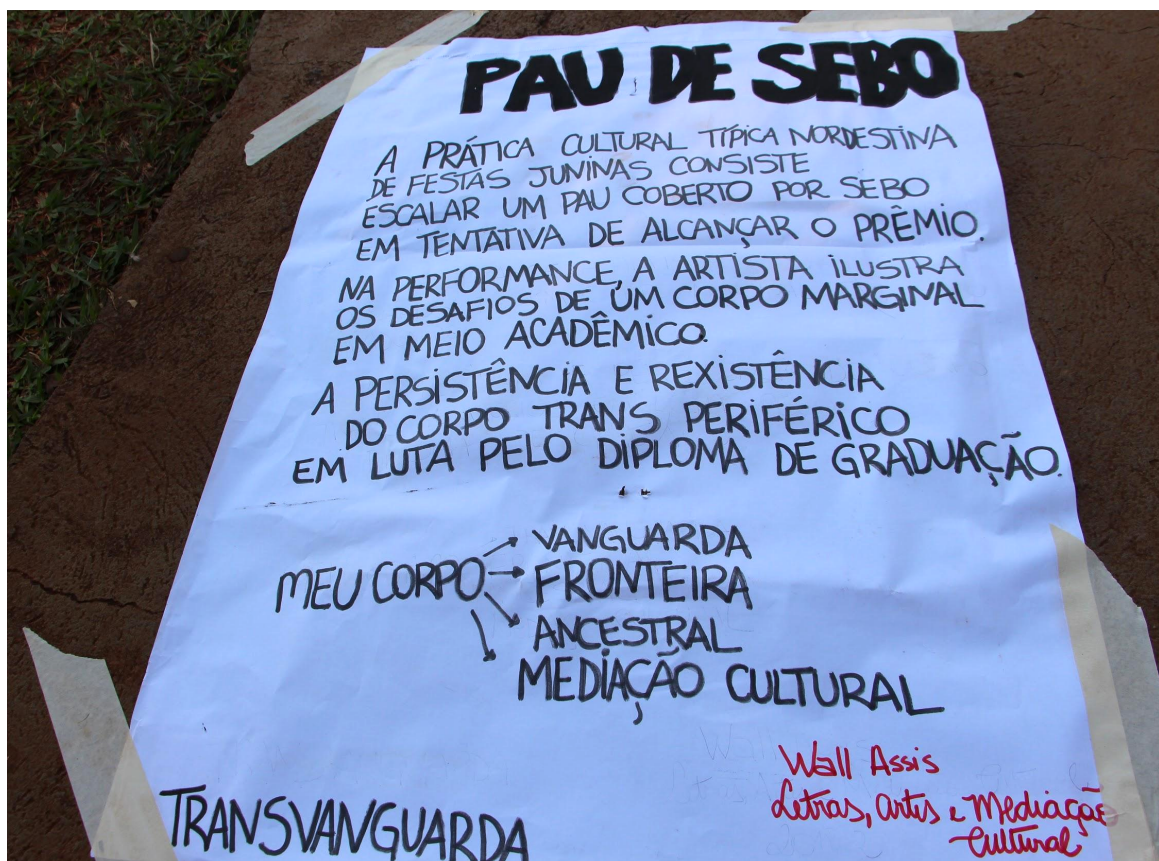












Nesta performance simulo uma prática cultural tipicamente nordestina de festa junina, que consiste em tentativas de escalar um pau coberto de sebo/gordura, a fim de alcançar uma prenda/prêmio fixado em considerável altura.

Em frente ao prédio da universidade a qual faço parte, nos mastros onde hasteiam bandeiras, suspendo um objeto que remete ao fim da graduação, o canudo que sugere o recebimento do diploma de conclusão de curso. Durante uma hora tento alcançar o dito “prêmio”.

Faço alusão aos enfrentamentos de um corpo periférico ao letramento, marginal enquanto identidade, dissidente enquanto classe, na universidade pública como um eterno pau de sebo a se escalar em busca do diploma de graduação.

Durante a intervenção, diversas foram as pessoas que tentaram me ajudar a alcançar o objetivo, oferecendo até mesmo o próprio corpo, o que demonstra a solidariedade presente neste ambiente por pessoas pertencentes à mesma classe social que eu.



3.3 VALHÉBRIA-UNILA 2019



Aparatos usados no monólogo/ performance Valhébria sob o texto da intervenção





Performance baseada em monólogo e improvisação escrito em português, língua típica da tríplice fronteira que marca a integração de culturas desta região e da comunidade universitária, para a disciplina de Improvisação e Dramaturgia.

Valhébria é uma personagem descomunal. Um álter ego que sob efeito de vinho barato, recobra o aprendizado das ruas e do submundo das travestis em uma sessão em que tal entidade exorciza o pudor dos corpos catequizados pela moral cristã. Desde sua concepção, a artista chilena Hija de Perra³ foi inspiração para encarnar o papel e escrever o monólogo.

A personagem faz parte da efervescência criativa propícia de meu corpo negado e marginalizado às relações afetivas, frente à hipocrisia de um tempo moldado pela cristandade que catequizou a liberdade de identidades e sexualidades dos povos nativos e que opera até os dias atuais em nossos corpos e imaginário.

³ Hija de Perra (1980-2014) ativista pelos direitos das mulheres e minorias, artista transformista chilena que questionava o conservadorismo da sociedade chilena em relação ao gênero e sexualidade, inclusive as teorias queers norte americanas. Em suas intervenções artísticas, questionava o pudor presente em nossos corpos e a liberdade sexual e de identidade.

Monólogo Transvanguardia Viada

Personagem: Valhébria

Hola, mi nombre es Valhébria y agradezco la oportunidad de estar afuera de la mente de Wall.

Si, Wall...una estudiante de LAMC de UNILA. Muy recatada yo creo. Todas las violencias que sufrió llevaron su vivencia al silencio.

No pacífico!

la perra no esta muerta como quieren.

...

A veces puedo salir y estar acá entre ustedes, libre, liberada!

pero no es siempre.

...

Cuando estoy fuera, hago cosas que no comprendo porque puede sonar mal.

Como por ejemplo:

responder en las mismas palabras las provocaciones que esta travesti sufre todos los días.

Ella me dice que me contenga, pero por mí....mandaría todes

a la mierda!

...

¿ Como puede ser caminar en la calle y ser atacada ? las miradas de extrañamiento...

de los varones principalmente,

aún se están escabiando en un bar ...

Las risas y las burlas son lo más común.

...

¿ Comprenden ustedes lo que es ser una persona trans?

..

Por supuesto que no.

No saben!

No tienen esta vivencia, no sienten en la piel!

¿Qué es nacer en esta sociedad, han?

en este tiempo.

Una vez escuche que

"el artista no huye de su tiempo"

¿ Cómo huir también, hñn?

¿Estoy presa entonces a esta realidad?

-¡nooo, porque ahora estoy liberada y la realidad yo la hago

ahora!

Pues sacaría a mi compañere (dildo) y se lo metería en el culo a las mariconas

que necesitan de un empujoncito(metendo o dildo entre os dedos indicador e polegar) para que sean felices y dejen de molestarme!

....aaah.

Son provocaciones de deseo.

¡No pueden aguantar con fuego en el orto, el culo les pica.

Lo que quieren, en realidad, es que esta mujer se les rompa el ojo!

....

siiii, yo veo.

¡¡En una vida marginalizada, nosotras comprendemos las entrelineas, aún porque estamos más abajo, invisibilizadas, en el discurso, en la vida, en los derechos que no son los mismos para mí que para ustedes!!

...

¿ Se asustan con mi compañere?

...

Pienso hablar un poco más sobre el deseo, el placer que nosotres encubrimos por el pudor

...

¿pero, QUÉ PUDOR ES ESTE? Por la santa iglesia!

....

¡¡¡ Siiii, por la santa iglesia que no tenemos por completo nuestro cuerpo y todo el potencial sexual que debemos dejar explotar como una fuueeeenteeee!!!

Aaaaah.....

como las cataratas, 275 caídas de puro goceeee....

....

¿ No creen?

¡¡Porque yo, cuando era una chica, llevaba la cruz en mi espalda por vivir en pecado de ser marica!!

Las confesiones al padre, estar purificada del pecado para recibir el cuerpo de cristooo..

Aaah.....

Como quería yo,

todo el cuerpo de C[x]

JAJAJAJA

Aaay J, ay dale vení despacito...dale J estoy esperando... (improvisación)

No te pongas triste J

No hay problema si sos pasiva ..

En realidad Menciah!

¿Qué pasa ? ¿Tienen miedo de imaginar eso? vergüenza? pudor?

¿Qué es el pudor?

Soy una excelente artista por consumir el instante. Por vivir el éxtasis del momento y sin miedo de un contacto más profundo con el deseo a liberarlo.

....

Estoy sintiendo tanto placer ahora, se importan si me vengo acá? ay J, uuh.

seré rápida, aahn, J, (improvisación sexo con J)

¡¡-Que ees Wall, no me molestes... la perra me está diciendo que no puedo hacer esto acá...!!

-una moral circunda este espacio, viene de usted o de usted?

(interacción con el público, invitación a un ménage-improvisado. Vallhebria desmaia volta Wall) fin.



3.3.1 VALHÉBRIA EM INMACULADA REPRESIÓN, 2019

Em oportunidade de intercâmbio acadêmico pela UNILA e UNCUIYO (Mendoza, Argentina), tive a oportunidade de evocar a presença da personagem em uma mostra denominada “Inmaculada Represión”.

Organizado por estudantes da carreira de História da Arte da Universidade Nacional de Cuyo, em um exercício de curadoria, elevo a blasfêmia de Valhébria a nível internacional e um público diverso, pois até mesmo contava na plateia uma criança, o que me fez improvisar em uma situação jamais imaginada.

Pude contar com maquiador profissional, cachê simbólico e um tratamento especial como estrela da noite. Tal aparição rendeu à intervenção uma descrição que merece ser compartilhada:

“Valhébria Blasfema: Alterego de un cuerpo trans agredido, denigrado y reprimido por el dolor de la burla, la violencia y la ignorancia. Cada vez que tiene la oportunidad de liberarse contra la institución religiosa y sus creencias sobre el pudor y el pecado expone la hipocresía de quienes niegan el cuerpo trans deseándolo.” (Curadoria de: Antonella Fabrega, Marina Castro, Constanza Pizarro. Inmaculada Represión de Colectivo Anomas: Malen Bracamonte, Maria Arrieta y Mel Ahumada, Mendoza, 2019).

INMACULADA REPRESIÓN

La imagen simbólica corrompida, roto el signo, interpelado el mensaje. Virgen y Madre de Dios, construcciones sociales fomentadas por la iglesia hoy son cuestionadas, transgredidas, repensadas desde nuevos paradigmas. Blasfemando, manchando y liberando su nombre y persona de aquella represión institucional y patriarcal experimentamos los nuevos estados de María, mujer violada y reprimida. Ya no estamos ante la presencia de la Inmaculada concepción, sino ante la **Inmaculada Represión.**

AUTOPOIÉTICVS II

8 de diciembre de 2019

Casa Kiriku

San Martín 411 - Godoy Cruz

ANOMAS



ARTISTXS VISUALES

XARLI

WALLHEBRIA BLASFEMA

LUJAN GUERRA

ANOMAS COLECTIVA

CURADORAS

Y

MONTAJISTAS

ANTONELLA FABREGA

MARINA CASTRO ELIAS

CONSTANZA PIZARRO

Xarli: Expone la imagen de la Virgen María como un ideal femenino construido desde el machismo característico de la iglesia, exhibe la manipulación histórica de la verdad en beneficio constante de la religión que estigmatiza lo "anormal" condenándolo por escapar de los márgenes "establecidos".

Wallhebria Blasfema: Alterego de un cuerpo trans agredido, denigrado y reprimido por el dolor de la burla, la violencia y la ignorancia. Cada vez que tiene la oportunidad de liberarse e injuriar contra la institución religiosa y sus creencias sobre el pudor y el pecado expone la hipocresía de quienes niegan el cuerpo trans deseándolo.

Lujan Guerra: Propone vivenciar un espacio de culto, ser parte del ritual de despojo. Un momento de intimidad, de silencio, de contemplación que nos permite despojarnos de las ideas, de los miedos y dolores, de las imposiciones y de los deberes.

Colectivo Anomas: La imagen simbólica corrompida, roto el signo, interpelado el mensaje.

Soi: Blasfemar la imagen y el objeto pervirtiendo los significados, utilizar los pecados como vía para transgredir las leyes y acceder al deseo. Lujuria, Gula, Seberbia inclinaciones naturales que no se permiten desear.

Mel: Perdí mi virginidad? Me la arrebataron. La virginidad es una construcción social religiosa que en épocas de reyes marcaba la consumación de un matrimonio por la mancha de sangre en una sábana. Sangre femenina derramada por el dolor de la pérdida sin consentimiento que esa construcción social dijo que existía y me hacía pura.

Maiendule: Es un portal que yo elijo cuando sí y cuando no. Un portal que me conecta conmigo, con mi esencia. Mi vagina, está conectada con mi inconsciente. Es poder. Es poder saberla escuchar. Saberla sentir. Dejarme sentir. Soy yo misma. Ser yo misma. Porque me escucho. Porque me



3.4 SOLEDAD - UNCUIYO PRÉDIO DE ARTES E DESENHO. 2019





Nesta performance, realizada em frente ao prédio da Faculdade de Artes e Desenho da Universidade Nacional de Cuyo no mês de novembro de 2019, estive sentada vestida apenas com um vestido sobre uma enciclopédia de História da Arte em cima de uma banquetta. Em minhas mãos o livro, “A Paixão Segundo G. H.” de Clarice Lispector.

Desenvolvo uma relação íntima com os livros. Beijo, acaricio, passo sobre meu corpo o objeto. Cada descoberta de palavras e frases intensifica a relação onde brinco com o acaso, desenvolvendo profundos sentimentos com os livros. Intensifico os movimentos de relação sexual amorosa ao passo em que leio fragmentos das páginas de Clarice tiradas ao azar. Manifestação artística que expõe a exclusão social do corpo gordo e trans que vive à sombra da solidão.

É através da literatura que encontro espaço de refúgio e reciprocidade de desejos e afetos. A primeira edição de experimentação da performance chega aos trinta minutos. Antes de finalizar a intervenção, alguns professores que assistiam tal expressão intervieram com a ajuda de trabalhadores da segurança patrimonial do prédio, mas foram impedidos de censurar a obra por alunas que assistiam a performance.

Tal prática artística foi realizada para a conclusão da disciplina de Filosofia da Arte em programa de mobilidade acadêmica no curso de História da Arte. Nesta matéria, ministrada pelo professor doutor Oscar Salazar, pude fazer a ponte entre o pensamento latino-americano em vias decoloniais em uma universidade e faculdade tradicional. Finalizei a disciplina com a nota dez, em uma universidade estrangeira, compartilhando minha arte e a construção do pensamento latino-americano que já desenvolvia na UNILA.

Manifiesto:

Un cuerpo, pero no cuál te imaginás.
 Un cuerpo, blasfemo que lleva en su
 espalda la mostruosidad.
 Un cuerpo, oscuro, débil, enfermo.
 Un cuerpo, exótico, sucio, pecador.
 Un cuerpo, pero no el cual te
 imaginas.
 UNA CUERPA...
 que ahogándose, lucha por respirar en
 este mar
 social de suciedad
 Una cuerpa, que vive en constante
 frontera.
 Una cuerpa, extraña flor
 política, deconstruída, llena de dolor.
 En los rincones más recónditos de la
 sociedad,
 alimentándose a la sombra de la
 soledad
 comparte deseos inalcanzables,
 ilusiones y autosuficiencia.
 Porque ya no puede esperar
 que algún día la humanidad imaginara
 que las personas trans también aman.
 Marginal, identidad construida desde
 adentro
 porque vive en este tiempo como si
 fuera de otro planeta.

Nace de esta misma tierra
 donde plantaron con
 sangre las semillas de sus ancestros.
 Llenaron de vacío a los que restaron,
 en una colonización bestial.
 Identidades que desfilan tan contentos
 por ser todos iguales.
 Sólo reproducen la misma violencia de
 500 años atrás.
 Pero, por Dios. Si soy pecadora, al
 cielo no quiero llegar.
 Soy hija de brujas.
 Si el infierno es mi destino, me voy a
 quemar junto al fuego y voy a bailar.
 Porque a mi identidad no voy agregar
 la violencia de esta gran suciedad.
 Mi revuelta no está en las personas
 que al Señor
 reverencian, mi sangre hierve por la
 justicia de un pueblo marginal.
 Si al libro devoro, es porque ellos no
 pueden aguantar
 que la hija del obrero, en la academia,
 haga su lugar.
 Yo cojo con libros y ahí está la gran
 perversidad,
 de una cuerpa travesti, jodiendo con la
 intelectualidad.

3.4.1 SOLEDAD - UNCUIYO MOSTRA DE ARTE. 2019



Em outro espaço e data, fui convidada a expor a performance em uma mostra de pintura nos galpões das oficinas artísticas da Faculdade de Artes e Desenho da Universidade Nacional de Cuyo. Com o tema “livro de artistas” da carreira de Artes Visuais. A intervenção tem a duração de uma hora e a recepção é totalmente distinta da primeira edição. Fui aclamada e muito bem elogiada pelos mestres de pintura que estavam a avaliar a obra dxs alunxs. Nesta oportunidade, a lógica da performance foi a mesma, mas com uma entrega maior, uma vez que performo por mais tempo.

Vejo-me refletida nestes símbolos, signos e poesia, enxergando-me desde o desejo, em confrontação com o espaço a qual me foi negado. Por não performar uma identidade e corpo semelhante aos demais e não poder acessar o espaço das relações afetivas que não seja pela mercantilização e fetichização do corpo de uma travesti. A colonização do gênero e a repressão que atravessa este corpo explica o porquê alimenta seus desejos à sombra da solidão. Entre as identidades moldadas a seguir um padrão, surge do entrelugar. O interesse nos livros fala mais forte e ressoa muito mais potente ao meu corpo do que tenho que me submeter ou encaixar em troca de afeto. Através da performance arte questiono e denuncio a exclusão. É na arte e nas letras, espaço de refúgio, compreensão e reflexão que este corpo dissidente travesti latino-americana busca seu prazer.

Como te falar do inexpressivo? Até mesmo na tragédia, pois a verdadeira tragédia está na inexorabilidade do seu inexpressivo, que é sua identidade nua. Às vezes – Às vezes nós mesmos manifestamos o inexpressivo – em arte se faz isso, em amor do corpo também – manifestar o inexpressivo é criar. (A paixão segundo G.H. Lispector, p.92)

-Anotações do diário de campo para a performance Soledad, 2019.

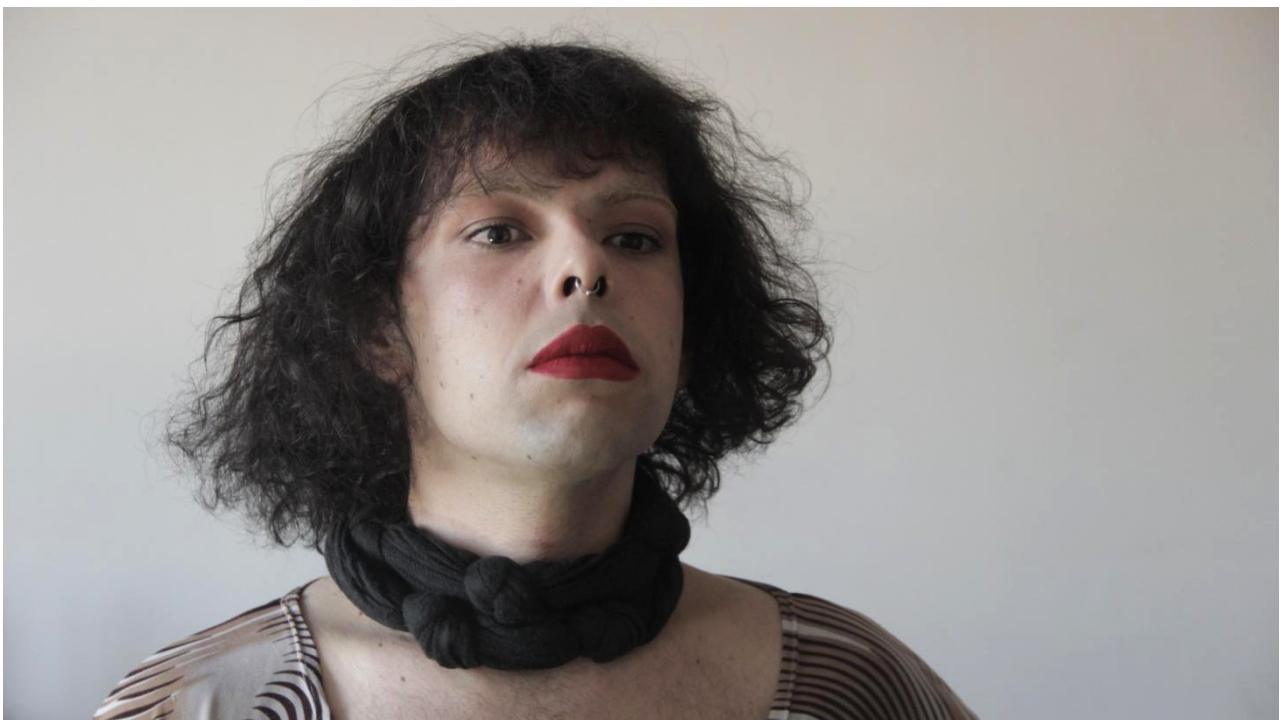


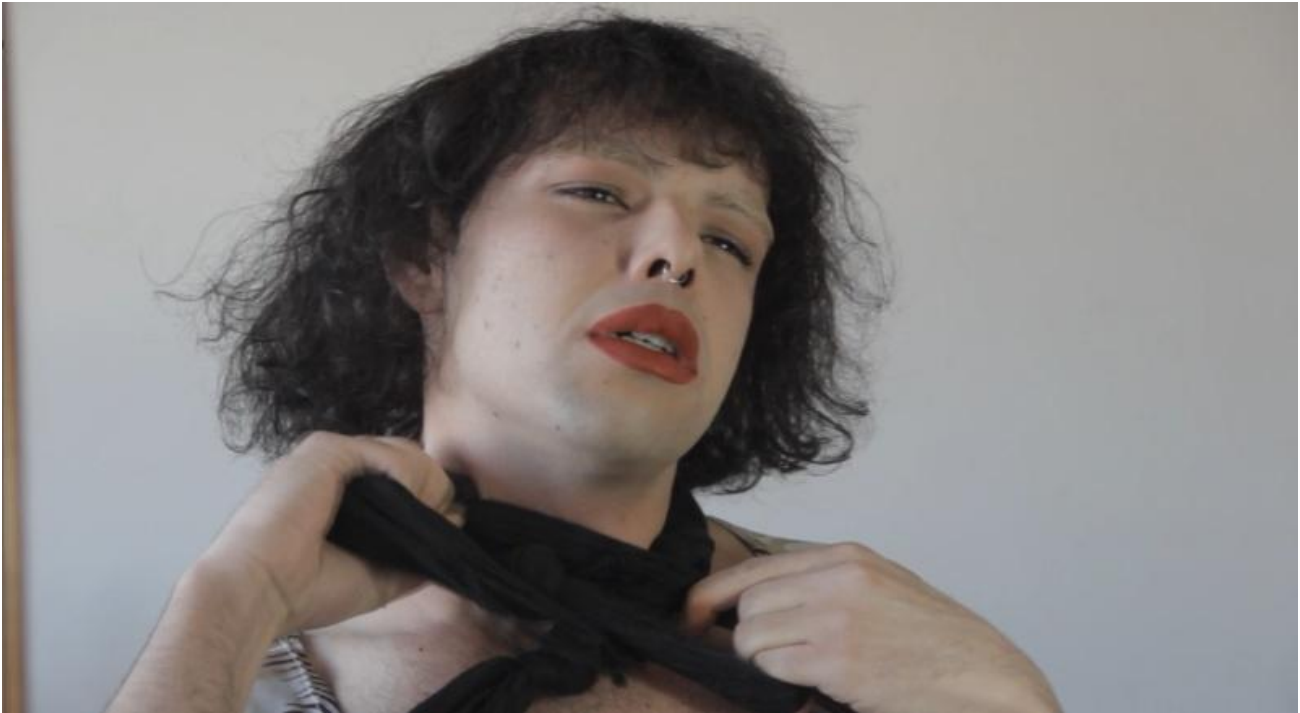
Retrato de Clarice Lispector que sempre me acompanha. No dia da performance nos galpões da universidade, acendi uma vela à imagem enquanto performava. Ao acender a chama para a mulher que tanto me inspira, pedi permissão para gozar com suas palavras em um ritual com o acaso. Com a potência presente no instante, instante que tanto faz referência.

3.5 DESATANDO NUDOS, 2020

DEJEN DE NOS MATAR

“Brasil lidera ranking mundial de assassinatos de transexuais. Segundo ONG europeia, em nenhuma outra nação há tantos registros de homicídios de pessoas transgêneras. Ao menos 868 travestis e transexuais nos últimos oito anos foram assassinadas no país, o que o deixa disparado, no topo do ranking de países do mundo.” (relatório da TGEu em Correio Brasiliense)





Nesta última performance da série *Corpo Fronteira*, fui convidada por uma agrupação política da Faculdade de Artes e Desenho da Universidade Nacional de Cuyo para uma intervenção online sobre o mês da representatividade LGBTQI+. Em contato com uma realidade particular de pandemia mundial do novo coronavírus (SARS-CoV-2) e em isolamento social na Argentina, tenho envolto em meu pescoço um lenço preto com diversos nós. Ao longo da intervenção observo-me no espelho e por diversas tentativas desfaço os nós presentes na altura de minha garganta. A vídeo-performance é narrada pelo texto em que explico o porquê de tal expressão. Segue a transcrição do áudio:

A lo largo de mi vida llevo nudos en la garganta cristalizados por el subconsciente.
Nudos que son como grandes piedras pesadas hechas de la opresión que atrapan el curso del río.
Cargaron y despejaron estas grandes piedras a fin de secar la fuente de este gran río.
Y por más que yo demande energía de fuerza de las aguas, estas piedras solo rodarían por el camino, y se podría seguir impidiendo el curso natural del agua.
Y por más que yo intente sacarlas ahorcándome por el mártir de no saber manejar tamaña violencia sobre mi cuerpo sobre mi identidad
Yo aprendo ahora que es necesario perdonarse.
Porque de todo, no es mi culpa la opresión que reproducen sobre mi existencia.
Lo que nunca aprendí fue perdonarme.
Claro, porque ser verdaderamente quien soy demanda estar sola en el mundo y aprender en la práctica de una dura realidad.

De ser una travesti, de intentar mantenerse viva todos los días.
La verdad es que yo nunca aprendí a llorar, porque crecí en una educación patriarcal, en un cuerpo construido equivocadamente.
En la soledad encontré esta verdad: hay que perdonarse.
Hay que deconstruir que llorar te hace frágil, porque no.
En el momento de lo aquí y ahora, desato algunos de estos nudos.
Porque tenemos este poder de romper con estas piedras, de liberar el curso del agua.
Lo hago aquí y ahora para que yo me libere, y pueda seguir hasta encontrar el mar.

Es todo un proceso: aceptar, comprender, perdonar para desatar, dejar de martirizarse, y nutrir ésta mi tierra, este mi cuerpo frontera.

Transformo la opresión en arte, la resignifico.
Y voy a seguir desatando nudos.

Em um país distinto de uma língua diferente da qual sou falante em oportunidade de intercâmbio acadêmico, estive me familiarizando com outra cultura. Estar longe de sua terra natal, familiares, amigxs e todo tipo de conforto, me trouxe a oportunidade de desterritorializar-me, ainda que presente na realidade latino-americana. Não bastando tamanha nova experiência, no início do ano de 2020 o mundo voltava sua atenção a um inimigo invisível, o brote da pandemia do novo coronavírus (covid19). Vi-me sozinha em um apartamento, não havia ruídos, o medo e insegurança varriam as ruas vazias, somente o som do silêncio pairava.

Mente conturbada não somente pelo incessante movimento do dedo na tela ou da mão no mouse. Mas pela ocasião de estar só e consigo. Isolamento social, isolamento de seres políticos. Acompanhada apenas de uma filosofia na qual a questão cármica norteia minha decisão de viver neste tempo e sociedade, devia eu encontrar nesta situação a melhor forma de lidar.

Diversos são os motivos e causas que nos trazem distância de nós mesmxs. De conectar-se com a natureza presente em cada pessoa. Esse mergulhar desbravador e libertador revolucionário. Pois sair das telas e redes por muitas vezes parece tentador. Mas ao mesmo tempo, no transcurso de tal ousadia, vejo que nem sempre tal liberdade pode ser acessível.

Trago tudo isso para elucidar que a pandemia, além de ser uma resposta de esgotamento do planeta terra em relação ao sistema que o destrói, nos traz a oportunidade de uma introspecção necessária.

Pude refletir tal experiência, apesar de extrema dificuldade já que não há mapa, num experimento de vídeo-performance em que retrato o resultado dessa introspecção às problemáticas que atravessam meu corpo e minha vivência. Corpo marginal, periférico, trans, que em meio a tanta turbulência, respira por meio da arte, resiste através do humanismo budista e compreende, através da mediação cultural, as saídas para a América Latina. De desatar os nós presentes na garganta, das mágoas e ressentimentos, da violência que pesa em pedras que atrapalham o curso do rio de nossa vitalidade. Romper com estas pedras é possível.



4. CORPO OÁSIS

Como materializar a trajetória de aprendizagens que galgaram a sabedoria do corpo que aqui escreve? Como expressar o sentimento refletido a partir do contato com o mergulhar nas águas da memória? Como compor ideia de universo que constitui um corpo e suas vivências? Performance efêmera é esta imersão, mas ao mesmo tempo eterna devido minha fragmentação em palavras, matéria prima para esta obra artística.

Pois explora a memória de minha existência em ritual de conceber a escrita da trajetória de um corpo urgente refletido na série de performances Corpo Fronteira.

A expressão desse difícil trabalho se assemelha a reconhecer as gotas de água que compõem o rio que atravessa os sendeiros de meu corpo. Esse conjunto de gotas fertiliza a terra de meus devires sob o sol do estado de buda (estado de vida, existência). Desabrocha agora flor de sementes que plantei em momento de profunda determinação em transgredir com padrões de condicionamentos impostos histórico-socialmente sobre meu corpo marginal. O corpo que se reconhece fronteira para uma infinidade de potenciais em processo de revolução humana.

O budismo de Nichiren Daishonin é a religião da revolução humana que habilita todos os que a praticam a transformar o destino e a despertar para sua força e sabedoria interiores. É uma religião que torna as pessoas fortes e sábias, inabaláveis diante das tempestades da vida como reis leões. É uma religião que faz cada pessoa evidenciar o brilho da dignidade suprema e seu ilimitado potencial florescer à plenitude. (Daisaku Ikeda, TC, ed. 625, set. 2020, pág. 50-65)

Era inimaginável chegar até a redação deste trabalho de conclusão de curso, mas a experiência de distintos enfrentamentos presentes durante os cinco anos da graduação me forçou a emergir até a superfície do rio subjetivo de meus anseios. Ao ver “terra firme” e ancorar embarcação em meio a fronteiras, me descolaria da realidade a qual fui submetida, me deslocaria a diferentes visões e dimensões, a partir deste corpo neste território latino-americano.

É como o movimento das ondas do mar na praia, é essa retroalimentação, porque a partir de meu corpo dissidente naveguei pelos estudos decoloniais e pós-coloniais - do presente, denúncia e desmascaramento das “verdades” – e me

reconstruí; me refaço a cada imersão. É a reconquista de meu corpo colonizado para em suas curvas reconhecer América Latina.

Foi assim durante cinco anos. Foi neste movimento pendular, nesta mediação entre corpo dissidente, teoria decolonial e reconstrução, que vi as luzes voltadas a meu corpo. A escrita deste trabalho e minha trajetória na universidade foi desafiadora como atravessar um deserto. Contudo, foi no deserto que eu vi a constelação, as estrelas.

A categoria do corpo urgente justifica o lugar de onde surgi em cada manifestação artística, junto à cosmovisão budista que assegura que somos constituídos do micro universo. Quando em contato com o macro universo conformamos uma entidade conectada com a potência criadora de galáxias, por exemplo, ou ao movimento de entropia que pode ser a origem de nossa consciência e sua expansão. Tudo isso somado à ferramenta de mediação cultural, pois de nada adiantaria tanto conhecimento se à prática não se aplica vontade de justiça, igualdade e luta pelos direitos básicos para a população menos favorecida e minorias (lugar de pertencimento de minhas origens) e a luta por recobrar a dignidade de vida que foi roubada em momento de colonização.

Lutei em um intenso e quase perpétuo ciclo de opressões presentes na institucionalidade acadêmica e na sociedade. Opressões não normalizadas por mim e sim duramente enfrentadas, pois a partir da filosofia budista de Nichiren Daishonin tenho a potencialidade de transformar qualquer dificuldade em oportunidade para a revolução humana.

La religión transforma la conciencia de las personas, su espíritu y su estado de vida interior. Por influencia de la religión, la gente puede volverse fuerte o débil, sabia o tonta; sus vidas pueden tornarse constructivas o destructivas. El cambio en la realidad interior de la vida de los seres humanos, funcionando como fuerza creadora, puede producir una transformación trascendental en la sociedad y en el ambiente circundante. (Daisaku Ikeda, La Nueva Revolución Humana, volumen 2, p.44)

Como sugerido pela professora Gabriela Canale Miola fazer de minhas expressões artísticas trabalho de conclusão de curso, foi em um intercâmbio na Argentina, em Mendoza, em meio às montanhas da cordilheira e o deserto da região noroeste deste país, que vi o oásis em mim. Vi que desde o momento que a fronteira

expandiu em meu interior limites de determinação, consciência e coração, não deveria buscar fora oásis que encontrei dentro.

Este projeto tinha uma concepção diferente, uma viagem reorganizou o curso de minha vida e pensamento. Os embates e enfrentamentos seguiram em país argentino, afinal somente embarquei nesta aventura devido a coragem e colaboração de familiares, professores e amigxs que acreditam em mim. Foi no deserto mendocino que vi a ideia para esta escrita, areia que me trouxe as estrelas, vento que esculpe o relato. Foi visualizando a cordilheira durante um ano, dias após dia da janela do quarto de hospedagem que me projetei sólida e gigante. No deserto de minha trajetória me deparo com aquilo que não é uma miragem, eu finalmente cheguei até o oásis, pois o mesmo é este trabalho, escrita, monografia. Oásis que sempre existirá dentro de mim.

Não sinto a loucura no desejo de morder estrelas, mas ainda existe a terra. E porque a primeira verdade está na terra e no corpo. Se o brilho das estrelas dói em mim, se é possível essa comunicação distante, é que alguma coisa quase semelhante a uma estrela tremula dentro de mim. Quando me surpreendo ao fundo do espelho, assusto-me. Mal posso acreditar que tenho limites, que sou recortada e definida. Sinto-me espalhada no ar, pensando dentro das criaturas, vivendo nas coisas além de mim mesma. [...] Possuir cada momento, ligar a consciência a eles, como pequenos filamentos quase imperceptíveis mas fortes. É a vida? (Clarice Lispector. Perto do coração selvagem, p.80)

Minha vivência é um constante encontro com fronteiras, pois caminhar transmutando os condicionamentos e transformando o carma, me extravasa território de atuação e expedição dentro e fora desse corpo constituinte da cultura latino-americana. Ainda caminharei por desertos, mas tenho a plena convicção de que seguirei brilhando na atmosfera até virar novamente a matéria escura que envolve, suporta e é o próprio universo.

Nichiren Daishonin tomó el sufrimiento de las personas como propio y se puso de pie por la causa del *kosen-rufu*, elevando el estandarte de la Ley Verdadera para la realización de la paz y la felicidad. Su propósito fue erradicar la miseria que veía a su alrededor. Nos mostró mediante sus acciones que la misión religiosa de “establecer el budismo verdadero” se completa con nuestra misión secular y social de “asegurar la paz de la Tierra”. Aquí yace la inevitable conexión del budismo con las actividades y

asuntos de la sociedad, que abarca esferas como la política, la educación, la cultura y la economía. Sin embargo, esto no significa llevar la religión directamente al plano político o que ella se alinee con los poderes políticos. La religión es el suelo que nutre y eleva espiritualmente a las personas; forma y produce valores humanos. (Daisaku Ikeda, Nueva Revolución Humana, V2, p. 36)

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Flávio. **A AMÉRICA LATINA NÃO EXISTE**. Disponível em:<
http://www.celpcyro.org.br/joomla/index.php?view=article&catid=5...e&tmpl=component&print=1&layout=default&page=&option=com_content
 >. Acesso em: 14 out. 2020.

ABREU, Regina. **Performance e patrimônio intangível: os mestres da arte**. In: TEIXEIRA et al. (Org.). Op. cit.

BARBERO, Jesus. **De los medios a las mediaciones**. Comunicación, cultura y hegemonia. 2ª Edição México GG MassMedía, 1991.p. 203-259.

BASBAUM, Ricardo. **“O artista como curador”**. In: Catálogo do Panorama da Arte Brasileira de 2001, São Paulo: Museu de Arte Moderna de São Paulo. 2001.

COHEN, Renato. **“Prefácio”, “Do Percurso”, “Introdução” e “Das raízes: Live Art – Ponte entre Vida e Arte”** in Performance como Linguagem, Editora Perspectiva, São Paulo 1989

DEWEY, John. **Arte como experiência**. Tradução Vera Ribeiro – São Paulo: Martins Fontes, 2010. – (Coleção Todas as Artes).

GALINDO, Regina J. **Entrevista** concedida a La Casa Encendida.VIMEO. 2017 disponível em: <https://vimeo.com/213652111>

GREENBLATT, Stephen. **Linguagem do Rapto** IN: Possessões Maravilhosas. São Paulo: Edusp, 1996

IKEDA, Daisaku. Historia y convicción de la Soka Gakkai. **Humanismo Soka**, Buenos Aires, v.14, n.23, p. 42-53, 2019.

_____. **La Nueva Revolución Humana**. 2ªed. Buenos Aires. Azul índigo.V.2, 272p. 2018

GLUSBERG, Jorge. **El arte de la performance**. Buenos Aires: Ediciones de Arte Gaglianone, 1986.

LIMA, Lezama. **El modelo insular en la escritura de José Lezama Lima**. Disponível em:<
https://www.persee.fr/doc/ameri_0982-9237_2005_num_33_1_1718
 >. Acesso em: 25 out. 2020.

LISPECTOR, Clarice. **Perto do Coração Selvagem**. 14ª Edição. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora, 1990.

_____. **A Paixão Segundo G. H.** Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

LUGONES, María. **Rumo a um feminismo descolonial**. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 22, n. 3, p. 935-952, set. 2014. ISSN 1806-9584. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/36755>>.

MELIÀ, Bartomeu. **El buen vivir se aprende**. Sinéctica, Tlaquepaque, n. 45, p. 1-12, diciembre de. 2015. Disponível em: <http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1665-109X2015000200010&Ing=es&nrm=iso>. Acesso 14/07/2020.

MEDEIROS, Maria Beatriz de; MONTEIRO, Marianna F. M.; MATSUMOTO, Roberta K. (Orgs.). **Tempo e performance**. Apresentação Marianna Francisca Martins Monteiro. Brasília: Universidade de Brasília, 2007.
http://www.celpcyro.org.br/joomla/index.php?view=article&catid=5...&tmpl=component&print=1&layout=default&page=&option=com_content

O'GORMAN. Edmund. **A invenção da América**. Unesp, SP. 1992.

PEREIRA, Diana A. Escritas de si - sobre alteridades e mediações. **Revista de literatura história e memória**, unioeste cascavel, v.14, n.23, p. 43-57, 2018.

QUIJANO, Aníbal. **Colonialidad del poder, Eurocentrismo e América Latina**. Disponível em:<
http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12_Quijano.pdf>. Acesso em: 23 jun. 2001.

TAYLOR, Diana. **Hacia una definición de Performance** in O Percevejo, UNIRIO, Revista de Teatro, Crítica e Estética, ano 11, no. 12, 2003

TEIXEIRA, João Gabriel L. C.. **Os estudos da performance e as metodologias experimentais em sociologia da arte**. ARS (São Paulo), São Paulo, v. 4, n. 7, p. 38-49, 2006.
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-53202006000100004&Ing=en&nrm=iso>

VELHO, Gilberto. **Biografia, trajetória e mediação** IN: Mediação, cultura e política. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2001

VICH, Víctor y Virginia ZAVALA. **Oralidad y poder. Herramientas metodológicas**. 2004 Buenos Aires:Norma.

VIVEIROS, Eduardo . **Perspectivismo e multinaturalismo na América indígena**. A inconstância da alma selvagem. São Paulo: Cosac & Naify,2002. p.226 -250.

WEINBERG, Liliana. **O ensaio em diálogo. Da terra firme ao aquipélago relacional**. Remate de Males, Campinas-SP, v. 37, n. 2, p. 523-546, jul./dez. 2017 – 525

O que significa "revolução humana"? Revolução humana significa vencer a si mesmo. **seikyopost**, 2017. Disponível em: <<http://www.seikyopost.com.br/budismo/o-que-significa-revolucao-humana>>. Acesso em: 04 de fev. de 2021.

O momento do agora é o que importa. **seikyopost**, 2019. Disponível em: <<https://www.seikyopost.com.br/humanismo-ikeda/o-momento-agora-e-o-que-importa>>. Acesso em: 20 de fev. de 2021.

Entenda o princípio “três mil mundos num único momento da vida” e transforme a tudo! **seikyopost**, 2017. Disponível em: <<https://www.seikyopost.com.br/budismo/voce-acredita-em-seu-talento>>. Acesso em: 22 de fev. de 2021.



Fotografias de Centuri3n Gomez, Cyan Videla e Reginaldo Marques.